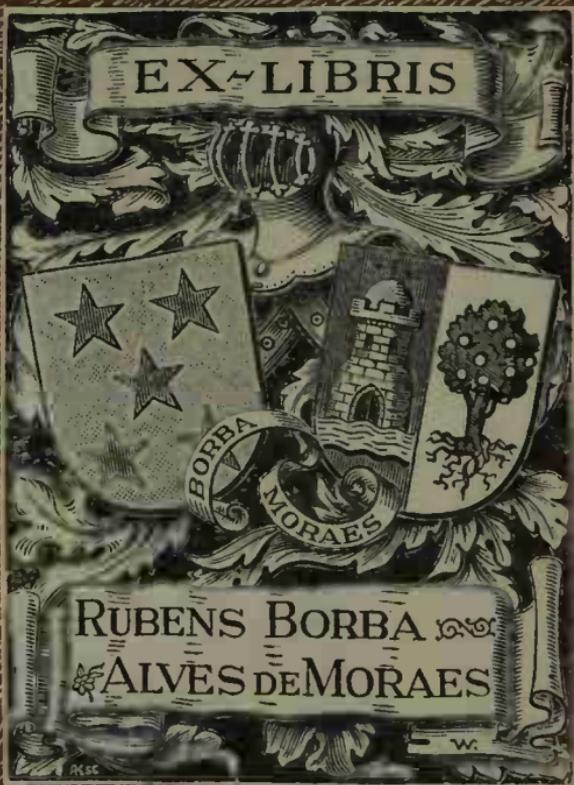




LIVRARIA

Humberto Chigginó

RUA
XAVIER
DE TOLEDO, 57
SÃO PAULO



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PECCADOS

Illusões...

Velas fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos — depois... depois, vasia
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...
Partem pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após muda e sombria...
E se em porto distante a frota ancora,
E' p'ra partir de novo em outro dia...
Assim as Illusões. Chegam garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
Na esteira azul das peregrinas frotas...
Chegam... Ancoram n'alma um só momento:
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas...
MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

Vana...

Aurá panduntur vela fugientia...
Deinde.. in undá maris nigra sphaerula...
Demùm pervacuum — resonante querula
Udo favonio carmina dolentia...
Vela turgida vadunt... In tenerulá
Luce, — diei brumalis refulgentia
Surgit, ac nox, — si in portum venientia.
Crasino, ligna, sole, arantque caerula...
Ítem mentis imagines mendaces,
Somnia vana, spes garrulæ fugaces,
Sulcum sequuntur navium pererrantium..
Corda visuntque temporis momento:
Rursus panduntur vela, inflata vento,
Oras petuntque litorum distantium...

MEENDES DE AGUIAR.

- 1908 -

Medeiros e Albuquerque

PECCADOS



RIO DE JANEIRO

Typ. da Papellaria Parisiense, rua dos Ourives 44

1889

NOTA IMPORTANTE. — Tendo escapado n'este livro alguns erros que alteram intelligencia do texto, convirá que o leitor procure as erratas no fim do volume e faça, a lapis, as emendas nos logaras competentes.

PARÁ QUE NÃO LEIAS

A QUE EU POSSA AMAR

UAS moradas do Vicio, a que não deseje
o teu olhar diviuamente puro,
onde o Mal — rubra flôr — brota e floresce,
abrindo o ealis venenoso e impuro,

— resto de erenças que a Desgraça esquece —
ha muitas vezes n'um recanto escuro
o tabernauculo immortal da Precc :
— das almas simples o pharol seguro.

Quando a Luxuria ao camarim se abriga,
corre-se um véo... E a Virgem, doce amiga,
fica nas sombras com o olhar immerso...

Ha n'este livro muito vil peccado...
Vela-te, pois, em meu amor sagrado,
p'ra que não vejas como eu sou perverso!

OUVERTURA

A MEU PAI

Este meu livro devia
ser um livro de criança,
todo verde de esperança,
todo rubro de alegria.

Devia conter sómente
illusões da mocidade,
abrir-se róseo e fremente
n'uma doida alacridade.

Contar amôres... amôres
como nós, os moços, temos :
cheios d'extasis supremos
e de infantís dissabores.

Alar-se todo cantando
os doces hymnos da Crença,
ser casto, ser meigo e brando
ter sonhos de paz immensa...

E não é. E' máo; é rude;
não guarda nobres encantos;
prefere aos Risos os Prantos,
prefere o Mal á Virtude!

E' filho d'uma alma afflicta,
prêza da duvida insana
d'esta idade, em que palpita
na treva a Consciencia Humana.

Soffre de enorme tormento
que lhe rouba a seiva ardente:
d'esta molestia inclemente,
que se chama—o Pensamento!

Si busca o riso vivace
para afastar os pezares,
convulsa, ruga-se a face
em agourentos esgares.

Tem sob a rima sonora
— cadencia que prende e agrada —
muita queixa desgraçada
que estúa, que geme e chora.

São versos de quem não soube
achar ainda um affecto
que toda a su'alma arroube
n'um sonho nobre e completo.

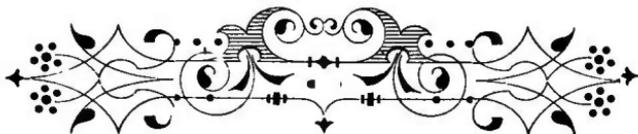
Versos de quem muitas vezes
buscou o amor doce e brando
e o viu partir, só deixando
resaibos de amargas fezes ;

de quem a amante procura
que resuma o que se exprime
— na Luxuria a mais impura !
— na Chimera a mais sublime !

Versos de um moço que, escrava,
vendo a Patria em que vivia,
chegou a crer que, já fria,
todo o valor desprezava.

E que hoje, si tem o infindo
desejo de immensa gloria
de vêr seu corpo, cahindo,
cahir nas folhas da historia,

bemdirá, lavado em sangue,
a tórva mão do assassino
que, cortando o seu destino,
o faça rolar exangue !



PARA O NADA

A DELGADO DE CARVALHO

SEMPRE ao Bem excede a escura
projectção negra do Mal!
O Genio, o Crime e a Loucura
são faces de um só crystal...

A escala, pois, que nos leva
á perfeição mais sublime
— da Insânia avizinha a treva,
— fica bem perto do Crime.

E é tudo assim... Quem é forte,
é rijo, é másculo, é grande,
em negras ancias de Morte
as forças todas expande.

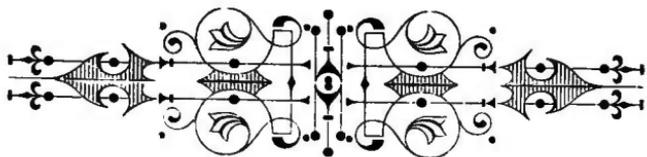
Os bons, os meigos, os santos
são seres fracos, mesquinhos ;
da luta temendo os cantos,
vivem pedindo carinhos.

A natureza só arma
as gerações vigorosas
p'ra correrem ao alarma
de batalhas pavorosas.

O Homem tem a grandeza
lúgubre e immensa do excidio :
— das guerras a vil crueza,
— o apanagio: suicidio.

Assim pois, o esforço todo
da Natureza grandiosa
é o desejo immenso e doudo
a ancia profunda e raivosa

de vêr—da Dôr succumbindo
a eterna tragedia insana —
todo o Universo cahindo
na paz sem fim do Nirvána!



EM BOND

A MME. ***

COMO, beijando tua nivea face
n'uma caricia impertinente e louca,
o sol de leve sobre ti roçasse,
ousando — o fátuo! — te pousar na bocca,

abriste o leque.—Sobre o leque havia
— si bem eu pude n'um momento vê-lo—
uma graciosa e meiga phantasia,
viva pintura de um amor singelo.

Meio ajoelhado junto á larga e nobre
escadaria de um solar annoso,
um pagem louro seu perfil descobre,
meigo, vibrando o bandolim saudoso.

Perto, uns arbustos, vicejantes, crescem...
Quatro donzellas, o mancebo vendo,
duas a duas, enlaçadas, descem
sentindo o joven coração ardendo...

Eram, talvez, muito formosas todas
— não para mim, mas para vãos olhares
não cegos inda pelas chispas doudas
dos teus : de scismas vaporosos mares—

mas eu fiquei a cogitar, mirando
tua belleza de magia rara,
que, si em tal pagem, delicado e brando,
fada benigna o meu sêr mudára,

eu certamente só por tí, senhora,
tangêra o leve bandolim doirado,
d'esses teus olhos supplicando á aurora
que illuminasse o menestrel ousado.

E assim segui a meditar, sentindo
sonhos mediévos de donzel formoso...
— Subito, eu vi o teu filhinho rindo,
pasmado de vêr-me te fitar ancioso...



ANTE UM CRUXIFIXO

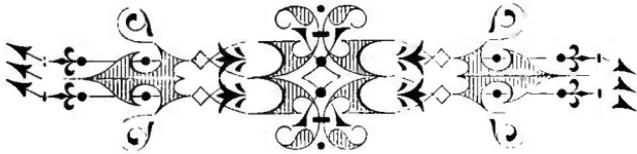
A ALFREDO COELHO BARRETO

HA dois mil annos — rude carpinteiro,
que o nosso louco desespero fundo
nos consome, segundo por segundo,
n'um desgraçado e negro captiveiro...

Ha dous mil annos teu olhar profundo
d'esse infamante e trágico madeiro
nos promette sereno e sobranceiro
balsamo aos desconsólos d'este mundo.

Ha dous mil annos—lúgubre e damninho —
teu vulto posto ao meio do caminho
para a Ventura nos impede os passos...

Ha dous mil annos que teus labios mentem...
Basta ! Os povos prostrados hoje sentem
ancia de novos céus, novos espaços...



A DOMADORA

ELLA era loira e branca e pállida e formosa ;
tinha no olhar azul a chamma caprichosa
do dominio, do mando altivo e senhoril.
Quando assomava, ousada, o mágico perfil
á jaula, onde rugia a multidão das feras
dobravam dócilmente hyenas e pantheras
a ferina cerviz ao gesto tentador.
Do seu olhar de fogo ao lúcido esplendor
Sentiam-se tremer—tremer como crianças—
as feras tropicaes affeitas ás matanças,
ás furias e ao calor dos lybicos sertões.
Rojavam-se por terra os dorsos dos leões,
e ella afagava a rir com suas mãos mimosas
as jubas collosaes, sanhudas, temerosas.
Os reis das solidões eram vasallos seus.

Mas a fera prostrada em seu semblante viu
um riso de desprezo...

Em subitâneo arranco
nas garras lacerou-lhe o collo fino e branco,
e mesclou-se do povo o pávido clamor
aos uivos infernaes de rábido furor...

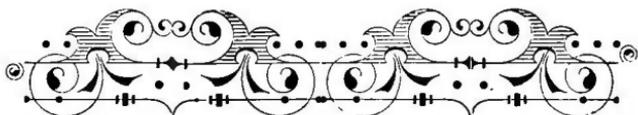
Quando o leão cahiu das balas ás feridas,
havia pelo chão, trementes... esparzidas...
carnes alvas, em sangue ainda a gottejar

Nas órbitas sem luz do leonino olhar
sentia-se, porém, na cólera fremente
resuscitar a féra, a lybia féra ardente,...

ENVOI

Tu, minha doce amada, ó candida mulher,
que sentes-me a teus pés rojar e estremecer,
que fizeste de mim, de mim : féra altaneira,
servo dócil e bom, que á sua vida inteira
só busca inspiração do teu olhar na luz ;
tu, cuja doce voz todo o meu sêr reduz
á passiva e fiel obediencia louca
ás despoticas leis da tua rubra bôcca ;
tu, que poisas agora o teu mimoso pé
na juba do leão sem sonhos e sem fé,
que derribou, na sanha outr'ora da descrença,
dos amores banaes a legião immensa ;

tu, celeste mulher, mulher casta e gentil,
a cuja lei me rojo, humillimo e servil,
—não me lances jamais o teu desprezo frio,
que has de me vêr erguer, e pállido e sombrio,
como o leão cruel de lybico furor,
despedaçar por ti o meu immenso amôr!



AMOR ARISTOCRATA

Gu gosto das robustas camponezas,
morenas e louçans :
— fortes, sanguineas e viris bellezas,
rijas e sans.

Gosto das filhas másculas do povo,
de gesto firme e audaz,
que nas arterias têm um sangue novo.
quente è vivaz.

Amo tudo o que é bello na opulencia
das fórmas da mulher ;
tudo o que pode dar-nos á existencia
um bem qualquer.

Oh! mas prefiro a cútis perfumada
a cútis de jasmim
que sae da fina trama delicada
do alvo setim.

Amo os requintes raros, luxuosos
dos nobres ^uboisirs,
onde os leitos se mostram, deliciosos,
a convidar...

N'elles abrem as azas, quaes cardumes,
de passaros gentis,
leves e doces, sensuaes perfumes,
quentes, subtis...

Um seio visto pelas finas rendas
de custoso lavôr
pede mais beijos, mais formosas prendas
tem mais valôr.

E a mulher quando sae de entre os arômas
da seda triumphal,
mostrando as duras, opulentas pómas,
núa, afinal !

ha um prazer, uma delicia extranha
no corpo lhe correr
e toda essencia que a circumda e banha,
doido, beber...

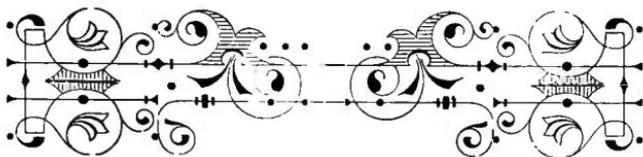
Pelos tapetes das alcôvas quentes
faz gosto repousar
para umas pernas mornas e frementes
lento, beijar...

—

Não me censurem si prefiro á pobre,
á classica rudez,
a aristocrata, delicada e nobre,
fina nudez.

Eu sou um louco sonhador exótico,
ávido de ideal,
temperamento mórbido e nevrótico,
fraco, sensual,

§
aos meus nervos, de moça, effeminados,
aos meus nervos, febris
são necessarios gozos requintados,
gozos subtis...



CÃES

Vi no centro da rua, na cidade,
um pobre cão apodreçido e morto,
o olhar vidrado, vagamente absorto,
do espaço azul fitando a claridade.

Sobre a bocca convulsa numa funda
contração de agonia dolorosa
enxameava a multidão ruidosa
das moscas verde—negras, nauseabunda !

E em torno as galas ! o frou-frou das sedas !
a Miséria ostentando-se vaidosa !
E cad'alma encerrada na enganosa
prisão de vis hypocrisias lédas !

—

O' vermís illusões da humana raça !
volitães, volitães na nossa mente
e ninguem junto a nós, passando sente
que nos roeis a tábida carcassa !



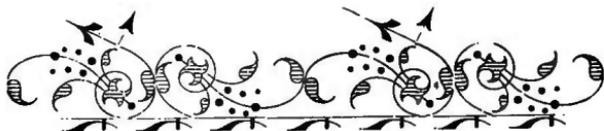
PARADIS CACHES

NON, vous mentez, vous, les savants
vous qui niez toute la joie,
pour qui la terre se déploie
comme un cachot plein de souffrants.

Votre regard trouble se noie
dans des pensers extravagants.
Des gens heureux et bien pensants.
parlent aussi. Il faut qu'on croie.

Ils nous décrivent des jardins
tout pleins de fleurs dont les calices
ont des parfums nouveaux et fins,

versant l'amour et les délices...
Mais seulement moi, je vous dis,
jamais n'ai vu ces paradis.



LADAINHA DO MAR

A JOAQUIM BORGES CARNEIRO

D mar, á noite, penitente austero,
como em cilícios sobre as penedias
o corpo fere, a murmurar, sincero,
tristes, dolentes, roucas litanias...

Diz uma vaga : «Vim do polo Norte,
« do eterno gelo, da miseria eterna...
« lá, onde a vida, avisinhando a morte,
« luta nos trances de uma dor superna...

« Abre o Nirvâna desolado e triste,
« Senhor ! o vácuo do que não existe ! »

Diz outra vaga : « Nas austraes geleiras
« eu vi tambem o desespêro fundo.
x Echôa, enorme, nas glaciaes esteiras
« a dôr atroz do coração do mundo...

.. Abre o Nirvâna desolado e triste,
« Senhor ! o vácuo do que não existe ! »

E outra, rugindo : « Do Levante venho,
« do velho mundo, da cruel Europa...
« muitos sudarios sobre o dôrso tenho
« que o fel dos prantos, doloroso, ensopa !

« Abre o Nirvâna desolado e triste,
« Senhor ! o vácuo do que não existe ! »

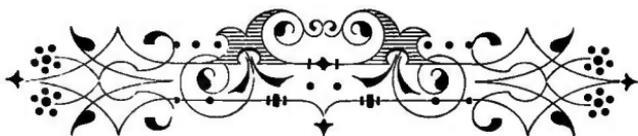
E uma outra ainda : « No Occidente escuro
« o Sol em sangue mergulhando a esphera,
« debalde, crendo n'um melhor futuro,
« o estranho dia do prazer espera...

.. Abre o Nirvâna desolado e triste,
« Senhor ! o vácuo do que não existe ! »

Côro de vagas em murmúrio rouco,
erguendo a prece no furor do vento,
então supplica, allucinado, louco,
ao Deus innoto do Anniquilamento :

« Abre o Nirvâna desolado e triste,
« Senhor ! o vácuo do que não existe ! »

E o Mar, no tragico estendal da treva,
por sobre as aguas a ardentia accende
a vêr nos astros, a que o dôrso eleva,
si algum vestigio de piedade entende...



COTINHA

A EXMA. SRA. D. EUGENIA DE NEGREIROS ROXO

Tinha nove, ou dez annos. Era fina
e graciosa e gentil e delicada.
Uma esbelta criança tão franzina,
como flôr mal aberta, á madrugada.

Chamavam-na Cótinha.

Era a alegria
a tetéia da casa. E, tão pequena,
tinha caprichos taes, tal phantasia
que a mãe se enchia de uma immensa pena
a scismar no futuro: «... si algum dia,
ella ficasse pobre... ao desamparo...»

E era tão carinhosa!

Amava tanto
o pequeno irmãosinho que, não raro,
debulhava-se em perolas de pranto,
si o castigava a mãe.

Nunca a Cótinha,
zangada e pezaroza, se queixava
quando o bruto menino a maltratava...
Dava-lhe até razão a pobrezinha!

Uma vez que o Manduca ficou doente,
longas horas velou junto a seu lado
e — posso vos jurar — tão desvelado
jámais houve enfermeiro diligente

Soffreu tanto como elle... Cuidadosa,
satisfiz-lhe os mais infimos desejos
e, si o via chorando, carinhosa,
cobria-o de blandicias e de beijos.

E quando elle curou-se?!

Mal podia
cabem em si, tão cheia de alegria,
a pular, estouvada, pela casa!
Quebrou na sala duas jarras finas...
Pintou l... pintou a manta... Andou traquinas,
viva, inquieta e gazil, como uma braza!

Pobre Cótinha! Esta affeição ardente
affeição de criança, meiga e pura,
foi seu tremendo mal... Sinistramente
abriu-lhe, negra e mésta, a sepultura...

E talvez fosse um bem... A Morte, em summa,
é o repouso infindo de noss'alma
e não ha bem na vida que resuma
a eterna solidão, a eterna calma !

Mas eis o triste facto. Bem defronte
da casa da menina, de aguas mansas,
havia uma lagõa, onde as crianças
á tarde iam brincar, quando o horisonte
todo em fogo se accende, flammejante,
como um cendal de chammas, crepitante.

Soltavam barcos de papel á tóa
e gostavam de vel-os, vagarosos,
indo por sobre as aguas descuidosos,
á superficie calma da lagõa...

E outros muitos brinquedos que eu agora
já nem mesmo recordo...

Mas um dia,
em que o Manduca, só, se distrahia,
tendo a Cótinha estado o dia fora,
afogou-se o menino.

Tal desdita
ninguem sabia como se passára.
Quando a Cótinha veio, esbelta e clara,
e risonha, e mimosa e pequenita,
quando sentiu a mãe, livida e afflicta,
soluçando, chamar pelo Manduca,

— ella cambaleou... branca... tão branca
 como um jasmim que o vendaval arranca
 e, de rastos, atira nas estradas...
 E, allucinada, e trágica, e maluca,
 prorompeu.. prorompeu em gargalhadas,
 rindo nervosamente, estranhamente,
 pasmo, fito no céu, o olhar demente...

Como chorava a mãe ! Absorvida
 na grandeza da dôr que nada apouca,
 vira de um filho succumbir a vida...
 temia vêr a sua filha louca...

E por fóra — o socego. Branda e amena,
 a viração no perpassar, serena,
 mal enrugava a placidez das aguas...
 A Natureza... a Natureza fria,
 a Eterna Indifferente não sentia
 rôtos dois corações cheios de máguas !

E é sempre assim.

Si ri, cheia de festa
 a alma, em flôr, numa doida alacridade,
 ella solta, raivosa, a tempestade,
 como a dizer-nos, cynica e funesta :
 — «Ah! tu rias, bandido?! Geme agora !
 Geme, que em trevas eu mudei a aurora,
 e esfolharei os teus mais bellos cantos,
 teu amor, teu porvir, tua esperança... »

E, quando a Dôr se chega e os vãos encantos
do coração desfaz, ai, a bonança
abre-se, como um riso nos espaços...
Tudo canta e sorri! tudo floresce!
toda a sombra nos céus desaparece
e a alma, sangrando, cáe-nos aos pedaços...

O Homem... filho da immensa Natureza?
Só si é bastardo vil que a mãe despreza,

E a Cótinha?

De subito, parando
a gargalhada atrás do soffrimento,
sentiu brotar-lhe um novo pensamento:
— « Quem sabe?! Ella acharia certamente
o pequeno irmãosinho... »

E, mal scismando
n'esta idéa infantil, em um segundo
correu... correu veloz, rapidamente
e atirou-se no lago immenso e fundo...

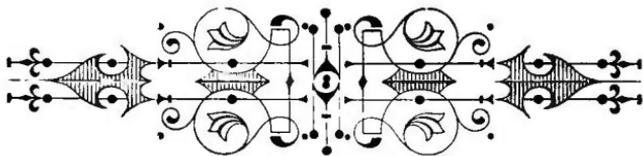
E que mais vos direi ?

Do pequenino
o cadaver sumiu-se.

E, quando, bella,
no outro dia surgiu, meiga e singela,
a Lua: o astro languido e divino
que resvala no azul, indifferente,

viu da Cótinha o livido corpinho,
como um berço de plumas e de arminho.
 como um ninho,
a boiar... a boiar... plácidamente...





A UM SUICIDA

Tu, sim; tiveste a trágica coragem
de lançares-te ao Nada heroicamente !
Não te agarraste ás bordas da voragem,
misérrimo e tremente...

Viste que não ha nada nesta vida,
onde não brote a sensação da Dôr
e que a nossa existencia vae perdida,
frágil embarcação sempre batida
num mar cheio de horror.

Viste, e tiveste a nobre heroicidade
de romper o legado do atavismo ;
tiveste a crença desta nossa idade,
— mergulhaste no abysmo !

Dizem que é cobardia... E, no entretanto,
tremem junto do lúgubre cairel...
Dizem que é cobardia... E o medo é tanto
que—só para viver—negam o pranto,
negam a dôr cruel...

Eu quizera lhes 'dar o calafrio
que me sacode os nervos doloridos,
que me agita a medula e que, sombrio,
me entorpece os sentidos,

quando eu penso no fim desta existencia;
na Morte: a tétrica: a feral visão!
e sei que ha de extinguir-se a Consciencia
e as Formas rolarão na turbulencia
do eterno turbilhão!

De que serve lutar? ser justiceiro?
ser virtuoso e nobre e corajoso?
si a todôs traga o abysmo derradeiro
do Nada pavoroso...

—

O teu corpo amanhã será rebento
de lyrio branco, virginal, gentil;
serás pasto de estúpido jumento
e sentirás da vida o movimento
novamente febril...

e volverão e volverão dispersos
teus átomos de novo em novas fórmas,
em corpos mil, em turbilhões diversos,
da Vida sob as normas!

E, no entretanto, que é da tua bella
intelligencia indómita e vivaz ?
O que te resta ? o que resta della,
quando a Consciencia tua já não vela
teus restos immortaes ?

Tens o *sér* e o *não-sér* amalgamados...
Hontem luctavas — corpo e alma — unidos ;
hoje restam sómente, despresados,
simples restos perdidos...

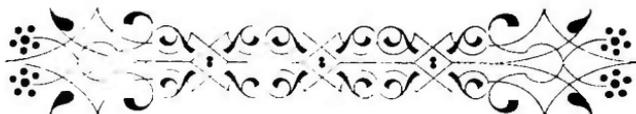
—

Eis a nevróse estranha que me irrita :
este medo da Morte... este terror...
Pensar que á seiva que minh'alma agita
ha de tragar emfim — ninguem o evita—
do Inconsciente o negror !

E não me apêgo aos idolos que mentem...
E não procuro as illusões brilhantes...
Meus olhos, sempre abertos, vêem, sentem
estas sombras hiantes !

—

Por isto eu te saúdo... a ti, que a Morte
ousaste sem receio procurar!
Vencendo o medo que me deu a Sorte
eu: covarde—quizera, ousado e forte,
teu arrojo imitar!



A MORTE DO HEROE

AO DR. HERACLITO GRAÇA

COMO um forte tufão que em meio da batalha
desabasse a rugir por sobre os batalhões
entre o clangor fatal da impávida metralha
seu braço colossal, mortas, no solo espalha
ceifadas multidões.

Disséreis, ao sentil-o acceso na peleja
que esconde no seu peito a vibora do mal
e, sedento de sangue, a cólera despeja,
sentindo que a seus pés debate-se e esbraveja
seu ginete infernal.

Cavallo e cavalleiro ambos no mesmo anceio
sentem-se arrebatár no louco turbilhão
e, onde a luta é mais forte e o furacão mais feio,
vão passando a cavar sanguinolento veio
de morte e maldição.

Mas — subito a silvar, uma perdida bala
sobre a fronte do heróe sublime e varonil,
como o sopro fatal que as florestas abala,
rápida, como o raio, a sibilar, estala,
manchando-lhe o perfil.

E o cavallo, que sente o peso amortecido
do corpo que na sella, exanime, lhe cae,
solta no ultimo arranco, um saudoso nitrido
e, do campo atravez, impávido, perdido,
allucinado vae.

—
Da carreira fatal de temerosa insania
na furia colossal, que o levava a marchar,
assim, na louca febre ardente e subitania,
o fogo corcel de Mazzeppa na Ukrania
devêra galopar

—
Era um mancebo louro, uma cabeça ardente
onde a belleza achava a crença, a luz, a fé...
Amava com furor, amava doidamente,
a Patria, que elle viu sangrando tristemente,
quando surgiu de pé!

Forte, como um heróe, e fragil, como vime,
na guerra excederia um Hercules qualquer,
mas tinha, quando via o olhar meigo e sublime
d'Aquella que até mesmo o arrastaria ao crime,
um pudôr de mulher.

Sonhára p'ra pagar-lhe o candido carinho
coróas triumphaes de louco amor sem fim,
e da batalha audaz no doido torvelinho
previa os hallalis da Gloria em desalinho
rugindo no clarim.

—

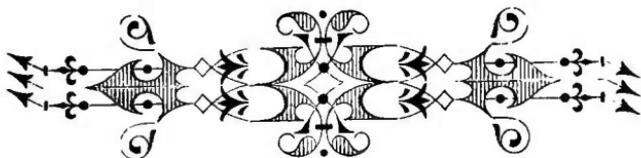
O' deusa Liberdade, ó deusa sobranceira
nos anceios do peito e no bramir do mar,
quando cahir emfim da escuridão na esteira
do derradeiro deus a crença derradeira,
has de eterna ficar.

Mais do que a doce amante àquelle olhar formoso
davas a extranha luz de sacrosanto ardor
e, quando lhe pulsava o peito vigoroso
a Patria lhe inundava o coração fogoso
com seu profundo amor.

Deusa e mulher — tu tens uma auréola tão grande
— noiva dos corações robustos e viris —
que um só raio de luz que teu olhar nos mande
dentro de nosso peito a refulgir se expande
em lampejos febris!

—

Quando o ginete emfim vergou-se palpitante
o heróe ouviu na brisa uma sumida voz...
Sentiu, preste a morrer, a Patria triumphante
e viu no ultimo albór d'esse fugaz instante
a deusa dos heróes...



RESPOSTA

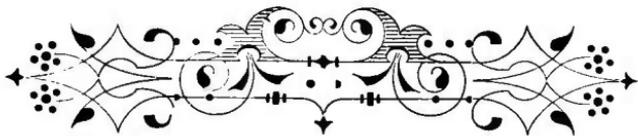
A ARTHUR AZEVEDO.

Pessimismo d'este tempo insano
não é feito de lagrimas fingidas ;
já nem cabe do Verso nas medidas,
tanto elle inunda o coração humano !

Foi tão profundo o triste desengano
das mortas crenças afinal perdidas.
que no vácuo das almas doloridas
o tédio avolumou—negro tyranno !

Nada ficou de pé... Veio a certeza
de que tudo na immensa Natureza
é simplesmente uma illusão terrivel.

Hoje até mesmo o pranto já nos cança
nesta medonha e trágica, e impassivel
bancarrôta suprema da Esperança !



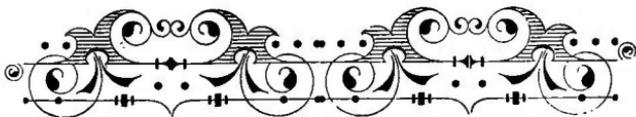
QUESTÃO DE ESTHETICA

CU assistia á eterna discussão
de uns que querem a Fórma e outros a Idéia,
mas a minh'alma, inteiramente alheia
scismava n'uma intima visão.

Scismava em ti... Pensava na expressão
do teu languido olhar que em nós ateia
um rasto de volupia e em cada veia
côa as lavas ardentes da paixão.

Pensava no teu corpo, maravilha
como igual certamente outra não brilha
e lembrei—argumento capital—

que não tens animando-te o portento
da imperecível Fórma triumphal
nem um nobre e sublime pensamento!



O CORSARIO HOLLANDEZ

AO POETA E AMIGO DR. MELLO MORAES FILHO

I

CRA um lobo do mar: bravo, sanhudo e féro,
que sem medo affrontava o horror da tempestade;
e o negro olhar sombrio, o olhar sempre severo,
quando mirava ao mar o largo dorso austero,
sabia reflectir do abysmo a magestade.

Quando o vento estendia as velas ao incha-las
e o mastro a se estorcer rangia duramente,
elle, ao sentir silva-lo agudo pelas salas
com sibilo fatal que imita o som das balas,
tinha no torvo olhar um lampejar ardente.

E, erguendo-se febril com desusado esforço,
pasmava-se a revêr os vagalhões revoltos
do oceano que, atirando a espuma do seu dorso,
parecia embalar placidamente o corso,
que aos ventos desprezava os seus cabellos soltos.

Si o genio da Revolta, o portentoso atlante
que os corações viris faz palpitár no peito,
pudesse vêr allí n'esse fugaz instante
d'esse lobo do mar o rispido semblante,
proprio para infundir ao mesmo céu respeito,

certo escolhera allí o tórvo aspecto duro
para achar do seu sér a incarnação precisa,
quando elle na ascensão do firmamento escuro
fizesse tremular aos olhos do futuro
a bandeira de luz, que os peitos electrisa!

II

N'essa noite de horror — o horror da tempestade
cavava as amplidões do mar sanhudo e forte
E, das aguas aos céos erguendo a immensidade,
cada vaga, a soltar rugidos de anciedade,
parecia soltar um cantico de morte.

Medrosa e timorata, a rude marinhagem,
— tal era o desusado horror daquella noite —
perdida ha muito já nas forças a coragem,
timida se ajoelhara ante uma santa imagem
sacudida do mar p'lo tormentoso açoite.

Mas, elle, o capitão sereno e valoroso,
que o mar achava sempre erguido a combate-lo,
sentindo o vagalhar do pelago horroroso,
calmo e sereno ergueu-se, — ergueu-se magestoso,
certo de bem poder com seu valor vence-lo.

Subiu cantarolando a escada, que rangia
e os olhos espraçou por todo o tombadilho,
e ao vêr que no convéz nem um marujo havia,
subito, flammejando em colera sombria,
da raiva em seu olhar teve o sinistro brilho.

Depois, sentindo a voz d'um marinheiro antigo
que uma oração cantava ao Deus das tempestades,
N'um salto de jaguar, sem medo do perigo,
vendo a turba prostrada, irado, por castigo,
a imagem fez saltar do mar ás fundidades.

E, o labio descerrando em blasphemar medonho,
que aos céos desafiava a colera suprema,
nem poudé se conter, quando do mar tristonho,
como visão fatal d'um pavoroso sonho,
viu surgir um perfil de magestade extrema.

Era Deus, o senhor que o mundo rege e pesa
e a quem o proprio mar sabe prestar um culto.
Ao vê-lo, o capitão com voz raivosa e presa,
n'um sarcástico tom de indomita fereza,
desfechou-lhe na face um pavoroso insulto.

— Curva-te, capitão, disse-lhe Deus irado.
— Quero o caminho aberto á minha não possante ;
Some-te, retrucou-lhe o marinheiro ousado.
— Vê bem, diz-lhe o Senhor. Curva-te a meu mandado,
que eu tenho do poder o sceptro triumphante.

— Pois olha, Padre Eterno,— e a mão levando á cinta e n'um momento ao rosto erguendo uma pistola. desfecha do Senhor contra a visão distincta da caligem no meio...

A mão pende-lhe tinta do sangue, que a ferver, do ferimento rola...

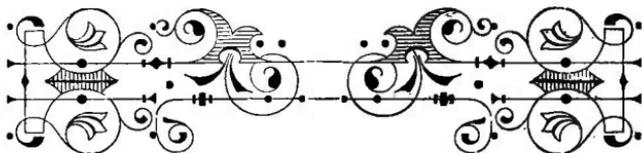
Deus então pelo azul marcando um vivo traço, mirando o capitão erguido frente a frente, levanta na amplidão um portentoso braço dardejando no horror do tenebroso espaço a maldição fatal, severa, omnipotente :

— Vai, capitão, caminha... A tua náó agora ha de no mar errar eternamente atôal... Disse. E, no azul rasgando uma sangrenta aurora, toda a tripolação levou n'aquella hora n'uma nuvem que aos céos placidamente aprôa.

III

Já viste-l-o passar ? — Erra da noite ao vento, do sol ao pino ardente... a todo... a todo o instante!... e, quando ouve rugir o tetrico elemento, seu calmo olhar levanta á luz do firmamento, certo de que a vingança ha de surgir brilhante.

Não viste-l-o passar ? — No arrojô sobrehumano, Ahasverus do mar indomito, orgulhoso, sabei que elle reflecte o pensamento humano! No eterno caminhar... no labutar insano Deus mesmo ha de ceder-lhe o espaço tenebroso!



NIRVĀNA

G pois que o teu olhar
Senhor, não vem, não desce
e como um sol brilhante não aquece
a alma, em gelos de dúvida, a hesitar ;

pois que é baldado e vão
tudo o que a mente aspira
e sentimos apenas a mentira
ao cabo da mais lucida illusão ;

pois que não vemos Deus
que nossa rota aclare
e nas sendas da vida nos ampare
e nos levante os olhos para os céus ;

pois que sossobra o Bem,
como um baixel perdido,
e nas vagas da Dôr o homem cahido
nem um gozo siquer, luctando, tem ;

pois que o Bello se esvae
— sonho brilhante e puro —
e das auroras negras do Futuro
outro brilho chimerico não sae ;

pois que a Verdade até
— unica luz restante —
tambem treme e vacilla agonisante,
entre os escombros do porvir, em pé,

que se extinga afinal
a vida derradeira !
e rôle e caia a Natureza inteira
n'um aniquilamento universal !



D'A NOITE NA TAVERNA

AO AMIGO J. DE LIMA E SILVA

SILENCIO, moços. O vapor dos vinhos
vela a frente das pallidas mulheres...

— Bebamos, pois! Banhemos de prazeres
nossa fronte sedenta de carinhos!...

Eia! que luz melhor que a que se cõa
nas reluzentes taças, quando võa
bando de nuvens negras nos espaços,
como bando de corvos agoueiros,
quando a lua nos célicos roteiros
tropeça macilenta nos seus passos?...

— Louco! não é a lua que deslisa
do céu na face azul concava e lisa...
é o relampago frio que perpassa,
como um riso de escarneo, de ironia,
emquanto a peste lívida, sombria
deixa rolar a uoite da desgraça...

— E que te importa a dôr? a peste? a guerra?
Abre as azas subindo além da terra
a alma dos vinhos nos subteis vapores...

— Vinho! vinho! mulher! Deixa de sonhos
encher os dias túrbidos, tristonhos!
Deixa rolar-me em sensuaes amores!...

— Da fumaça ondulante do charuto
nas finas espiraes esqueço o luto,
as miserias da terra e, em santa calma,
scismo nas fortes explosões da vida,
scismo que n'outra esphera encandecida
ha de, constante, perdurar noss'alma.

— Bravo! — gritou a turba dos rapazes.

Entre os convivas ébrios e loquazes
uma fronte, porém, branca e formosa,
emmoldurada nos anneis dos sóltos
cabellos louros, a tremer, revóltos,
surgiu por entre a grita rumorosa.

— A alma! — disse elle rindo — pobres loucos!
Pois não sentis que nossa vida aos poucos
no silencio dos tumulos sombrios
desfaz-se em podridão, em terra, em nada...
e não resta d'ess'alma consagrada
nem vestigios siquer! nem restos frios! ?
O que era corpo de mulher divina
póde mudar-se em névoa matutina,
ou miasma de peste corruptora!

O que era verme negro do sepulchro
póde sêr amanhã calice pulchro
de lyrio branco ou rosa seductora !
Que somos nós ? Moleculas unidas
ao sopro dos Acasos que, perdidas,
hão de volver ao seio da Materia,
passar e repassar no gigantesco
mar temeroso, túrbido, dantesco,
que banha a larga solidão etherea !
A alma de que fallais, a essencia pura
é sonho de momentos de loucura.

— Cala-te ! Estranha e má philosophia
essa que as crenças todas nos arranca !
Na barca da illusão a vela branca
desfraldemos nas vagas da Poesia !

— De que serve sonhar ? As minhas horas
enchi tambem de crenças e de auroras :
cri no amor... no porvir...na castidade...
Tive para velar-me á cabeceira
doce visão celeste e feiticeira
banhada de fulgente claridade...
Era tudo mentira... O verdadeiro
gozo da vida, triumphal, certoiro
é a lascivia das noites das orgias...
quando a febre dos gosos, doida, estúa,
apertar a mulher tremula e nua
ao som das notas das canções sombrias...

— Blasphemias... No teu negro sentimento
riscaste Deus tambem do pensamento ?

— Deus ? Crér em Deus ? ! A's horas da tormenta,
aos rugidos do medo, quando o frio
da desgraça nos volve no sombrio
cendal da morte a fronte macilenta ;
quando sentimos ao pisar em falso
nosso pé tropeçar no cadafalso,
Deus... Deus então das sombras do receio
surge como um lampejo de esperança,
como o pharol sublime da bonança,
do nosso peito no dorido aneio.
Ah ! mas a crença louca de que falas
tem mesclada nas gemmas e nas galas
florões sinistros gottejando pranto
dos povos sobre a vida transitoria.
Pesa, como um abutre, sobre a Historia,
lançando o luto, a maldição, o espanto !

— E o livro sacro ?

— Obra do bardo incerto,
illude como as sombras no deserto.

— Estás doido, amigo. A noite do atheismo
projecta em nossa frente a escuridade...
Ha, porém, uma luz na realidade,
sigamol-a, deixemos esse abysmo
onde a Descrença e a Crença — dos combates
pelejam nos acérrimos embates
das vans philosophias... Nós, no estudo
que descoramos, lendo, nossas frentes,
corremos do saber os horizontes
vimos que era miseria e engano tudo.

Prazer ! Prazer ! só tu nos não illudes !
O que valem Saber ? Crenças ? Virtudes ?
quando o goso não corre em nossas veias ?

— Bebamos, pois. Saudemos a grandeza
d'essa deusa gigante, a Natureza,
deusa de cujas tétas sempre cheias
rola o nectar das ancias e dos gozos,
deusa que se revela nos gostosos
calices finos de espumante vinho !
— Viva !

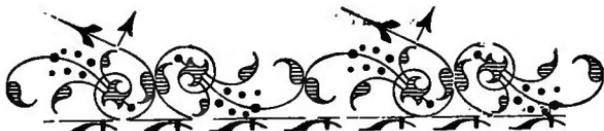
Nos ares estrugiram brados.
Pousaram-se na mesa esvasiados
os copos entre o doido borbórinho.

— Agora, amigos, ao livor da noite,
quando do vento, fóra, zune o açoite,
quando o vinho nos cerebros referve,
emquanto longamente repousamos
nossos braços na mesa que manchamos
do vinho, que espumante, corre e ferve ;
agora, amigos, ao clarão que espraia
as lampadas exhaustas que desmaiam
vamos ouvir as tétricas historias,
onde o sangue poreje gotta a gotta,
como de veia, sem alento, róta...
Phantasticas tragedias illusorias...

— Quereis contos cruéis ? disse um erguendo
a fronte cheia do clarão horrendo
de um riso lutulento de ironias...

Quereis contos de dor? contos que falem
de episodios fataes que vos embalem
das ancias do terror nas vagas frias?
Ouvi-me: eu sinto a sombra do Passado
projectar-me um clarão ensanguentado...





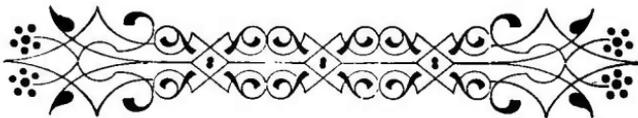
DOMADORES

SA quem pasme dos fortes domadores,
cujo esforço valente e decidido
faz abaixar-se, pálido, transido,
dorsos de feras más, de olhos traidôres.

E, contudo, dominam-se os terrôres
e impõe seu jugo o braço destemido
com qualquer ferro em braza enrubescido
e artificios banaes e enganadôres.

Outros ha, todavia, mais valentes
que a populaça rude não conhece.
São os que domam, vultos imponentes,

esta fera: — a *Palavra*, que carece
para acalmar seus impetos insanos
— seiva e sangue de cerebros humanos.



MOÇOS PALLIDOS...

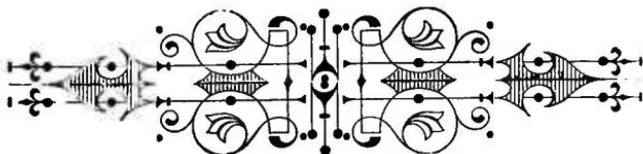
A COELHO NETTO

SCISMO nas virgens mortas... Nesta hora
banha a lua as compridas alamêdas
e, entre o rugir dulcíssimo das sêdas,
sôa dos beijos a canção sonora...

Scismo naquellas, cujas boccas lêdas
foram geladas no fulgor da aurora,
e penso vê-las pelo ar agora
a descerem por mysticas verêdas...

Vem a pedir os extasis do goso,
— num raio envoltas do luar formoso —
turbando aos moços o dormir risonho...

Pallidos, os gentis adolescentes
estorcem-se, a arquejar, nos leitos quentes...
nos noivados phantasticos do Sonho...



CARO VICTRIX

Tu me chamaste, Laura, preguiçoso,
porque eu não quero, versos burilando,
deixar teu seio perfumoso e brando
onde eu encontro os extasis do goso.

Queres que eu viva procurando a gloria,
lembrando os nomes de geniaes cantores.
Consome-te o desejo de na Historia
vêr-me cercado de immortaes fulgores.

Louca ! de balde na ambição te abrazas !...
Eu não possúo nos meus débeis hombros
de águias libradas em revéis assombros
a collossal envergadura d'azas.

Minh'alma toda de pezar se cobre
vendo morta esta magica esperança...
E'-me destino ser pequeno e pobre,
sempre de rastos caminhar, criança!

Só, pois, me resta da belleza tua
a realza esplendida e sublime
que as gregas nórmas da esculptura exprime,
quando se ostenta inteiramente nua!

Então que bellos! que divinos cantos!
finos, meus labios sobre os teus contornos
gorgeiam, trinam com subtis encantos
em doces beijos, demorados, mornos...

E esses, criança, perfumados beijos
são versos da epopéia triumphante
da Carne, musa eterna e deslumbrante,
musa, que inspira meus febris harpejos.

Eu não posso esquece-la! Onde haja o seio
de uma esbelta mulher, mulher formosa,
eu sinto o meigo, o sensual enleio
da Luxuria nas veias, capitosa...

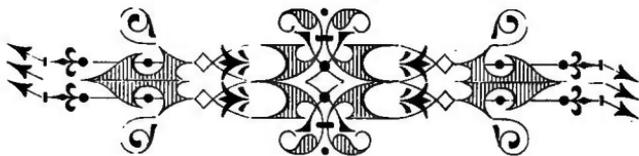
Sempre a visão da Carne, rubra e quente,
por horas mortas nos meus sonhos desce!
Bando de virgens nús — mollemente,
em choréias lascivas, me apparece...

Ah! si eu pudesse compassar meus hymnos
pela cadencia do teu corpo brando,
quando te vejo sob mim arfando
em suspiros dulcissimos, divinos...

si eu pudesse lhes dar a febre intensa
dos meus nervosos e viris espasmos,
communicar-lhes a paixão immensa
d'estes meus juvenis enthusiasmos,

oh! eu seria o gigantesco poeta
que conquistara mais eternas palmas,
porque nada na vida diz ás almas
o que só sabe a Carne — viva e inquieta!

Não o posso, porém... Por isto, embora
venham mostrar-me o horror do cadafalso,
quero adora-la sempre como agora...
— Eu só creio na Carne! O mais — é falso!...



HYMNO DO RISO

A SYLVIO ROMÉRO, AMIGO E MESTRE

Eu que sou filho deste tempo insano
em que tudo na dúvida se agita
e em nevroses hystericas palpita
o triste e louco pensamento humano ;

eu que sou filho desta nossa idade
cheia de escárneos e de zombarias,
que troca os preitos pelas ironias
e finge apenas te adorar, Verdade,

alegremente minha parte acceito
nas ruinas fataes da Decadencia
e até mesmo do brilho da Sciencia
folgo, zombo, sorriso satisfeito...

Bemdito quem não chora! quem nos olhos
seccou de todo o amargurado pranto
e extinguiu toda a dôr, todo o quebranto
das lágrymas — da vida nos abrolhos.

Bemdito quem não chora! A gotta ardente
de chôro mancha a mais divina face...
Feliz o filho louco que passasse
pelo esquife da mãe alegremente!

Bemdito quem não chora! Eis que a Loucura,
sobre as frentes passando, agita os guisos...
N'um erethismo trágico de risos
vamos buscar os gozos, a ventura!

Homens do ^Sno_Aso tempo! é necessario
suffocar para sempre a van Tristeza
e fazer rebentar a Natureza
n'um riso convulsivo, extr'ordinario.

Pois que a Fôrma é mentira e tudo passa
na caudal portentosa da Materia,
— esqueçamos os gritos da Miséria!
— os sinistros gemidos da Desgraça!

Para apagar os traços do Remorso,
as angustias das almas agitadas
— ha nos labios sem côr as gargalhadas,
gélidas, explosindo com esforço.

Passa um caixão modesto de defunto
que um burguez cumprimenta commovido :
— « Ah certamente foi algum bandido...
tem pelos bancos muito cobre junto... »

Falam da castidade de uma virgem,
virgem de rosto candido e perfeito :
— « Quantos não hão dormido no seu leito
das volupias da Carne na vertigem ! »

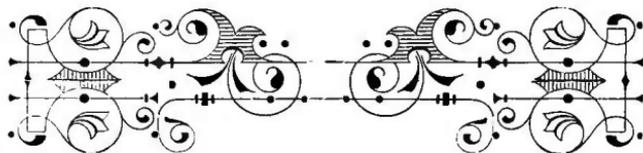
Reza, cheia de fé, amargurada,
uma velhinha a demandar soccorro :
— « Pois não sabes, mulher ? Como um cachorro,
Deus, do céu, nós corremos a pedrada... »

Mas eis que junto a nós, si assim marcharmos
cheios de loucas furias assassinas,
juncaremos o solo de ruínas,
sem um pouso, siquer, firme, deixarmos.

E que faremos, quando tudo em terra
jazer, como um montão sinistro de ossos,
e houvermos reduzido a vis destroços
tudo o que o Mundo no seu leito encerra ?

O que faremos ? !

Vendo o grande Nada
do Cosmos que se estorce em vãos gemidos,
na Morte rolaremos, envolvidos
na final, na suprema gargalhada !



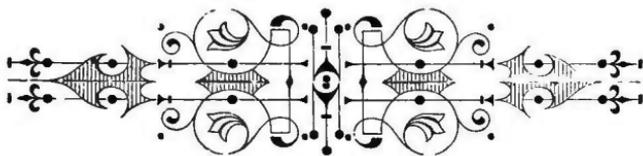
CEREBRO E CORAÇÃO

DIZIA o coração: «Eternamente,
eternamente ha de reinar agora
esta dos sonhos teus nova senhora,
senhora de tu'alma impenitente.»

E o cerebro, zombando: «Brevemente,
como as outras se foram, mar em fora,
ha de ella se sumir, ha de ir-se embora,
no olvido amortalhada, fria, algente.»

De novo o coração: «Desce! vem vê-la!
Dize, já viste tão formosa estrella
no firmamento de tu'alma escura? »

E o cerebro por fim:— « Todas o eram...
Todas... e um dia sem amor morreram,
como morre, afinal, toda a ventura! »



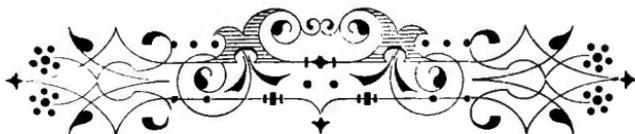
EXTRANHO MAR

VENUS, deusa immortal da formosura,
quando surgiu do ~~mar profundo~~ *glauco sorvedouro*
trazia ás pontas do cabelo louro
pérolas d'agua cristalina e pura,

mas do oceano de amor que bate a escura
prisão d'est'alma, que de sonhos douro,
si—desprezando-o como vil thezouro—
surgisses, nua, em deslumbrante alvura

—bem certamente nos annéis dos sóltos,
longos cabellos negros e revôltos,
onde brinca ditoso o meu desejo,

tu não terias d'agua leves bagas..
—Surgirias trazendo d'essas vagas
em cada fio pendurado um beijo!



ALLUCINAÇÃO

BAILE:— rumor de vozes nos espaços...
bater de collos offegantes, nús...
lento mover de torneados braços...
em cima, aos jorros, vagalhões de luz...

Baile:— frú-frú de sedas... cores vivas,
côres escuras, negras... deslizando
fórmãs ethereas, rapidas, esquivas...
o compasso da walsa leve e brando...

Baile? — Nem mesmo sei... No ar, 'suspenso
bóia o perfume— capitoso mar!
E eis que todo me envolve, morno e denso...
Sinto n'elle minh'alma naufragar...

Onde os convivas? Que mortal tristeza!
Tudo mudez e treva...—Lento a lento,
sobre o espirito meu nas sombras peza,
como um corvo sombrio, o desalento...

Sobre o piano de Erard alguém que toca
—como em visão phantastica de Pöe
em cada nota para o baile evoca
alguma sombra morta, que passou .

Nem mesmo é piano. Já não ha quem veja
marfim de teclas soluçando um canto!
É uma garganta horrivel que despeja
pencas de corpos lividos de espanto!

Olha! ha mulheres nuas, mal comidas
pelos vermes escuros e crueis...
Faltam tacos nas pelles corrompidas,
verdes— da côr impura dos marneis!

Vermes lascivos de formosos peitos
pendem dos bicos, húmidos, visguentos...
Ha esqueletos a cahir, desfeitos...
Ossos em pó, levados pelos ventos...

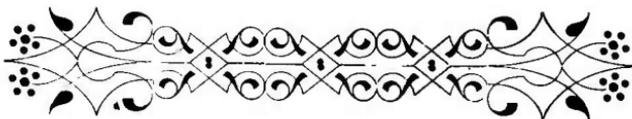
Olha aquella criança branca e pura!
Vê como o niveo braço, com terror,
afasta os vermes da pupilla escura
arreda os vermes da boquinha em flôr...

Morreu hoje talvez e vem da campa.
Aos compassos da musica funesta,
solevantando a funeraria tampa
veio arrastada ao esplendor da festa !

Oh ! e não viram que as dolentes notas,
das walsas nas dengozas espiraes,
vem das ^{tampas} ~~tampas~~ hiantes, são remotas
refracções de gemidos, gritos e ais !

E ha quem danse e quem folgue ! Quantos passam,
a alma de cantos de alegria cheia !
Febris , os pares com vigor se enlaçam..
e o piano geme, a walsa serpenteia...

Baile :— rumor de vozes nos espaços...
bater de collos offegantes, nós...
lento mover de torneados braços...
em cima, aos jorros, vagalhões de luz...



CANÇÃO BACC^HICA

A REGULO FAUSTO

CONVIVA, enchamos as finas taças
dos claros vinhos no loiro rio!
deixem-se as máguas vans das desgraças,
do Pensamento negro e sombrio:
seja a Alegria quem do horizonte
derrame os gosos na nossa frente !

Bebe ! Si sonhas nas noites tuas
das mil volupias doudo furor,
verás em bandos, mulheres núas
virem falar-te de ardente amor...
Verás, convulsos, por sobre os leitos
corpos em ancias de ardor desfeitos !

Bebe ! Si sentes no arfar do peito
nome de virgem casto surgindo,
verás—do Vinho sublime effeito—
Ella a teus braços chegar, sorrindo...
Então, no affecto dos puros beijos,
serão cumpridos os teus desejos.

Bebe ! Si queres a eterna gloria
para teu nome de luz banhar,
nos olhos baços— febre illusoria—
o Mundo inteiro verás clamar...
Vivas, applausos, gritos ardentes...
as turbas loucas dirão frementes...

Bebe ! E si ao cabo da noite escura
—hora de crimes torpes, medonhos—,
o brilho vivo da razão pura
varrer-te acaso da mente os sonhos,
cerre os ouvidos á voz do povo :
—ergue teu calis, bebe de novo !



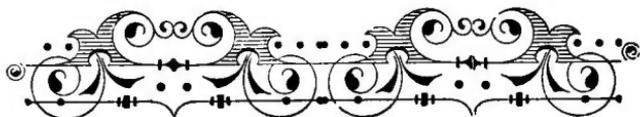
FERA

CRAM na jaula seis enormes feras,
feras de longes regiões trazidas:
tigres, onças crueis, fulvas pantheras,
leões, rugando as jubas desparzidas.

E todas ellas— escutando, austeras,
do domador as ordens desabridas,
em gritos traduzindo-se severas—
tremiam, mudas de pavor tranzidas.

E, no entretanto, domador ! tu, forte,
tu, que affrontaste tanta vez a morte,
tambem trêmêras miseravelmente,

frio de medo, livido de susto,
si eu te mostrasse sólto, frente a frente,
este indomavel coração robusto !



TRISTES A ALEGRES...

RESPOSTA A VERSOS DE ARTHUR MIRANDA

Tu, jucundo cantor das alegrias,
alma jorrada de estendões de luz,
que não levas das tórvas agonias
a deshumana e pungitiva cruz,

vae da existencia pelo trilho brando
cantando o sol que te redoura a fronte !
Alegre has de sentir todo o horizonte
em quanto, alegre, fôres tu andando...

Felizes esses que não têm a funda
tortura atroz da ideia, que, cruel,
mesmo os sorrisos da ventura inunda
de um resaibo amarissimo de fel !

E olha: eu não amo os velhos romantismos
que usam do pranto, como joia cara,
e cujas rimas de pericia rara
são crises vans de sentimentalismos.

Vejo a miseria, a insipidez da vida,
que é como um verde e pútrido paúl,
e sei que é sobre nós a desmedida
curva do céu: uma mentira azul.

Então eu vergo irremissivelmente
—sem que a tal magua possa achar remedio—
ao negro peso colossal do tédio
por tudo quanto minha vista sente.

Sei as delicias dos amores castos
sei as volupias do impudico amor ;
mas são prazeres para mim tão gastos,
que já não podem me infundir calor...

E, pois, si creio todo o mundo triste
é que a Tristeza na minh'alma habita ;
nella, entre escombros, funeral, crocita
um corvo: o Spleen que dentro em mim existe.

Tu, no entretanto, canta a vida em festa,
canta a alegria que teu peito tem...
Canta depressa! Lembra que, funesta,
pode a amargura te empolgar tambem!

Deixa-me... Eu vivo para o desalento...
Irei levando pelos meus caminhos,
sob a fronte, viuva de carinhos
a alma de um velho triste e macilento...



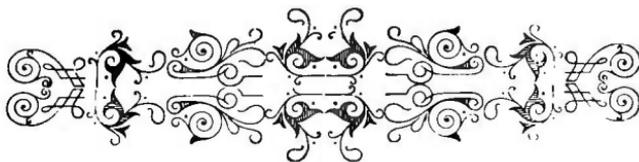
MUDA CANÇÃO

DA tua bocca rubra e pequenina
— ninho onde os doces beijos dormem quietos
a esperar pelos gozos predilectos
do Amor, que ás almas as paixões ensina—

da tua fresca bocca purpurina,
onde vão meus desejos, como insectos
em corollas de flor, dos mil affectos
buscar a quente essencia peregrina,

da tua meiga bocca nem sómente,
como um hymno dulcissimo e tremente,
pude a menor palavra te escutar...

Hoje na triste ausencia, no entretanto,
vibra-me n'alma qual ethereo canto
a luz divina do teu vivo olhar!



ULTIMO REMEDIO

Si tu chegaste emfim aos termos da Verdade,
si viste quanto o Mundo é mentiroso e vão,
si já não crês no deus da velha christandade,
nem crês tambem no Amor: o loiro deus pagão,

—sabe ser rude e forte. Ao impassivel rosto
ata a máscara audaz do cynico impudor,
aprende a recalcar teu intimo desgosto
e a fingir a quem chora a mais sincera dôr.

Mas — dentro de tu'alma — á torpe hypocrisia
de tudo — porque tudo é refalsado e vil —
lança, como um cauterio, implacavel e fria,
a Ironia mordaz, herética e subtil.



RESPONDENDO A UMA CARTA

E' simplesmente um músculo mesquinho
o coração que existe no meu peito.
Por mesquinho, por fragil, por estreito —
não tem espaço para o teu carinho.

Outro, Senhora, deve ser o eleito:
alma onde as illusões procurem ninho.
Não eu, que não as tenho em meu caminho
para enfeitar-te do noivado o leito.

E vê : sou nobre. Si eu quizera ainda,
certo eu pagara essa affeição infinda
co'a negra infamia de cruel mentira.

Mas não. Tu'alma que de luz se inflora
na minha em sombras seu fulgôr sumira...
Risca-me, pois, do coração, Senhora !



A BANDEIRA

UINHAM de Mars-Latour... Fugiam perseguidos
Eram desses viris e intrépidos vencidos
filhos da França heroica, a França : nossa terra,
nossa luz, nossa mãe, que resvalou na guerra
como um nobre e sublime e valoroso Antheu
que um Hercules brutal nas garras abateu,
mas que ao cahir no solo ha de surgir um dia
para vingar sem medo a torpe covardia
de um povo rude e mão...

Seguiam nas estradas
maculados de pó, co'as roupas laceradas,
cheios de mágua e de dor, vendo o destino duro
abater-se feroz, como um abutre escuro,
sobre a França ligada ao poste da desgraça.

Vinham de Mars-Latour...

Filhos da nobre raça
que Bonaparte fez acostumar á gloria,
tendo ouvido no berço os cantos de victoria,
sentiam vendo assim a Patria maltratada,
a alma cheia de dôr, sangrando consternada,
e iam... iam seguindo ao longo dos caminhos
tostados pelo sol, rôtos pelos espinhos,
perseguidos dos cães, famintos, macilentos,
sujos de sangue e pó...

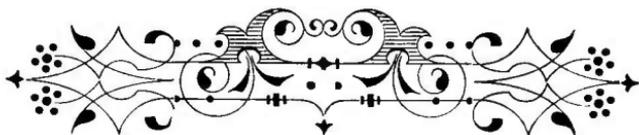
Levavam, solto aos ventos,
— rôto trapo da Patria — o pavilhão sagrado
ás rajadas da Gloria outr'ora desfaldado
e agora partilhando a miseravel sorte
d'estes restos viris da intrépida cohorte
que arrastara á derrota o orgulho caricato
de um bandido cruel, um *cesar* insensato.
Mas os soldados bons, os másculos guerreiros,
os rudes, os leaes, os fortes companheiros
d'esse estandarte rôto, esfarrapado e nobre,
que o coração francez á sua sombra cobre,
temeram — si a desgraça os captivasse — irosa,
vêr a maldita mão, sacrilega, impiedosa
do inimigo rasgar essa augusta bandeira:
a bandeira da França.

E então — na derradeira
angustia da saudade — os válidos soldados
resolveram, parando, enterrar os sagrados
restos d'esse soberbo e puro pavilhão...
Vinha cahindo a noite. A cérula amplidão
do espaço constellou-se, ardente, luminosa,
como d'Argos o olhar...

E, quando na chorosa,
tétrica solidão d'essa deserta estrada
soûu lugubrememente a ultima pancada
sobre essa estranha cova, — os heroes valorosos
romperam tristemente em prantos dolorosos...

Soldados, não choreis !

Essa semente augusta
quer, p'ra poder crescer forte, altiva, robusta,
cheia de desmedida e insólita pujança —
não lagrimas de dôr, mas sangue da Vingança.



CONTEMPLAÇÃO

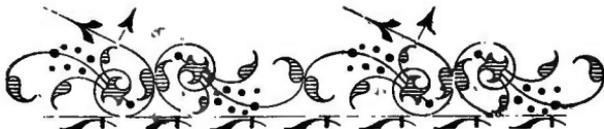
H...

TENHO nos olhos o deslumbramento
de quem o brilho de vivaz estrella
por muito tempo contemplasse attento :
— agora mesmo eu acabei de vê-la !

E é tal meu goso, meu contentamento
quando eu acabo de falar com ella
que em meus ouvidos conservar intento
a sua voz harmoniosa e bella...

Fico mirando n'um dormente e vago
sonho, que eu mesmo nem sequer defino,
seu vulto airoso, seu perfil divino...

E o só desejo que na mente affago
era ficar como um fakir do Oriente
fitando sempre essa visão clemente



ANOITECENDO

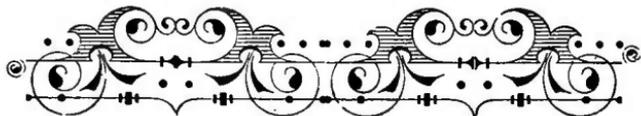
A DELGADO DE CARVALHO

E' quasi noite. Crepuscúla o dia
na mortalha' da treva se enrolando.
Da aragem vespertina, leve e fria,
passa o queixume vaporoso e brando.

Traços d'azas no céo... Na serrania
troncos mirrados erguem-se, estacando.
Os galhos nús semelham a sombria
posição de quem clama deprecando...

Arma-se a eça fúnebre e suspensa
do dia morto... A multidão immensa
das estrellas recama o enorme espaço...

Sobem dos negros as canções magoadas...
Mal se distingue ao longe nas boiadas,
lentos, os lentos bois marchando a passo...



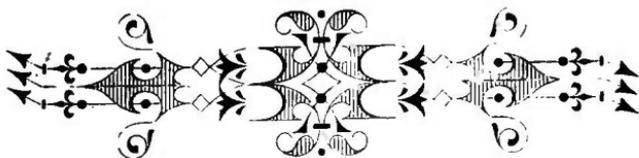
AWAY !

Arei como Mazeppa ao dorso tenebroso
do ginete da Ukrânia,
meu Amor no corcel indomito e fioso
das paixões e da insania.

Quem poderá dizer o término remoto
da pávida viagem ?
Quem dirá, quem dirá si no porvir innoto
terá sceptro ou voragem ?

Mas, como quando outr'ora o arranco derradeiro
deu o corcel ardente
e a tribu cannibal sagrou o cavalleiro
régulo omnipotente,

si o quizeres sentir, senhora, resurgindo
d'essa miseria extrema,
tece com teu amor, teu doce amor infindo
seu régio diadema !



ANNO NOVO

Plus ça change, plus c'est la même chose

**

CESTE mísero e insípido palhaço,
que ora repete a eterna pantomima,
que ha seculos sem fim inspira e anima
a hilaridade trágica do espaço,

si hoje vem pequenino e sorridente,
como alegre criança buliçosa,
é que vestiu a máscara mimosa
da infancia, sempre trêfega e contente.

Muitos que ha de enganar, muitos, risonhos,
que hão de applaudir-lhe os fúnebres esgares,
amanhan chorarão negros pezares,
— ruidá a torre matinal dos sonhos!

E elle, o clown desastrado, irá saltando,
irá seguindo pela vida a fóra,
a escarnecer, zombando, de quem chora
e a ferir, a espinhar quem vê folgando.

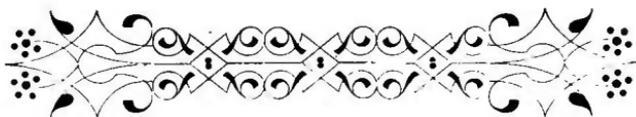
Na alegria elle leva-nos de rastos
a correr, a correr... em furia ardente...
Na tristeza nos deixa, negramente
chorando os dias na miséria gastos !

E não tem uma só pilhéria nova
que nos faça sorrir cheios de goso !
Sempre o mesmo programma lastimoso,
que jámais n'este circo se renova !

Elle, sim ; o truão tolo e idiota
ri de nos vêr torcendo-nos de dóres
e é com risos mordazes, zombadôres
que cada mágua nossa, alegre, nota.

Vede, pois, vós que tendes esperança
de algum novo prazer, nova ventura,
como esta mesma farça ha tanto dura,
e o tempo a refazê-la não se cança.

E, ante esta perennal monotonia,
do immenso Espaço a vastidão incerta
é como bócca enormemente aberta,
rindo de mofa, rindo de ironia...



SONETO DECADENTE

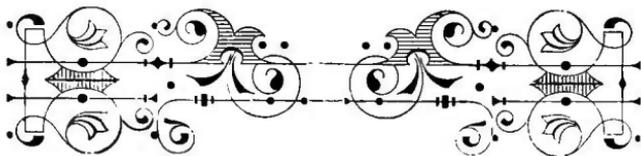
Car nous voulons la nuance encore.
Pas la couleur, rien que la nuance.
PAUL VERLAINE.

MORRIA rubro o sol e mansa, mansamente...
sombras baixando em flocos, lentas, pelo espaço...
Um morrer pungitivo e calmo de inocente :
doces, as ilusões fanadas no regaço.

Passa um cicio leve e suave... N'um traço,
ave rapida passa subita e tremente...
A tristeza, que vem, cinge como um barão
a garganta : o soluço estaca alli fremente...

Lembranças de pezar... Navio que na curva
do mar, de agua pesada e funda, e escura e turva,
some-se de vagar das ondas ao rumor...

O' crepusculos sós ! os exilados sentem
a angustia sem igual de amantes que presentem
o derradeiro adeus do derradeiro amor !



LENDA ALLEMAN

AO DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

SA nas velhas aldeias da Allemanha
uma legenda tenebrosa, estranha,
cheia de immenso horror,
onde tem forma n'um aspecto novo
do amargurado coração do povo
a sempiterna dôr.

Contam — eu não conheço o facto inteiro —
que um miseravel, triste forasteiro
foi condemnado a eterno viajar
sem que pudesse ao longo dos caminhos,
dos pedregaes asperrimos, maninhos,
descançando pousar...

E foi mais longe a crueldade fria,
a sentença do Deus iniquo e fero
que condemnara o tragico Ashavero
da tradição sombria.

Disse ao mesquinho e triste viandante:
—« No teu eterno caminhar constante
onde quer ^{ou} tu vás, onde deslizas,
onde com passos condemnados pises,
— seja rocha cruel, ou verde alfombra,
seja estrada sombria ou clara estrada —
nunca a seguir-te a marcha condemnada
sentirás nem ao menos tua sombra! »

Elle então caminhou... Viram-n-o as gentes
deslizando por horas inclementes
de borrasca feroz.
quando o céu é de crepe e apenas clama
de espaço a espaço a mugidóra chamma
do raio, que tem voz...

Viram-no os fortes arvoredos mansos
das tardes nos pacificos remansos,
nas noites de luar...
E, quando elle passava em branca praia
onde os alvos cendaes a onda espraia,
viu-o tambem o mar...

Viram-n-o as feras... Seu olhar caçado
tinha um brilho tão louco e desusado
que as fazia fugir!
Fitaram-n-o de longe — longamente,
como se fita uma visão luzente,
d'essas que só a Insânia faz surgir...

Nas cidades — si acaso o caminhante
nas cidades seu passo aventurava —
por entre a doida agitação passava
sem que vissem-lhe a mágoa lancinante...

E caminhava em caminhar eterno...
eternamente a perpassar na vida,
sem repouso, sem tecto, sem guarida :
— sombra que expulsa o céu, que expulsa o inferno !

Ah quem não tem na terra alguém que o siga,
alguem que a fronte de carícia amiga
cubra, estendendo a mão ?
O derradeiro pária vagabundo,
abandonado pelos seus no mundo
tem a sombra no chão.

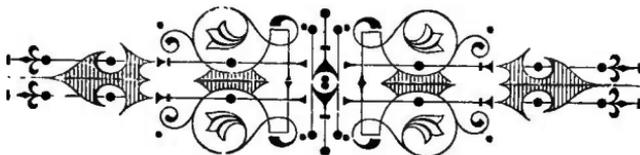
Elle era só... sósinho... abandonado...
Não lhe seguia o passo condemnado
um amigo qualquer !
Não tinha como os verdes arvoredos,
como até mesmo os bárbaros penedos,
nem a sombra sequer !

—
E não será talvez negra verdade
que vai assim tão só a Humanidade
do Cosmos entre o fulgido esplendôr ?
Pois a Terra no espaço illimitado
presa ao jugo do Sol abraçador
não vai seguindo só, astro isolado ?

Sim ; nós marchamos pela trilha enorme
da Natureza immensa e multiforme,
nas orbitas do céu ;
vamos luctando rigidos, tenazes,
para rasgarmos sem temor, audazes,
dos mysterios o véo...

E quem sabe da Terra ? N'esta lucta
quem nosso pranto doloroso escuta
pelos céos a carpir ?
Que planeta, que estrella, que elemento
pode ouvir nossa voz do firmamento
nos plainos a subir ?

—
E' bem verdade que nós todos vamos
sós nas veredas tragicas do Mal
e, isolados no Cosmos, labutamos
na Dór universal !



LABOURS

AO DR. JOÃO BANDEIRA

LERS le ciel un bœuf noir tourne ses larges yeux
imbibés d'une douce et suave tendresse ;
le soleil moribond couvre de sa caresse
l'herbe où restent ses pieds lourds et disgracieux...

Lentement — il remue engourdi de paresse
sa mâchoire et rumine en paix, silencieux...
Sanglant — sous la couleur écarlate des cieux,
il demeure abruti dans sa triste détresse...

Aujourd'hui, comme hier, demain... toujours... toujours...
sous l'aiguillon de fer il ira tous les jours
du laboureur cruel fécondant le domaine...

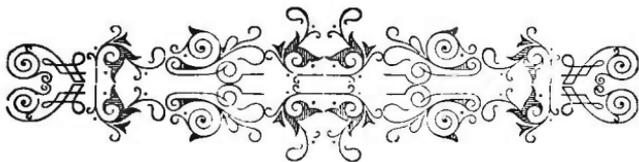
— Et demain, mes amis, qu'est-ce que nous ferons ?
— Certes, nous tous aussi nous recommencerons
le labour éternel de la souffrance humaine !



No dia seguinte ao de um enterro

Eu não posso entender que a sepultura apague
todo o santo rancor a uma existencia má.
E' muito grande o mal p'ra que sem custo o esmague
do coveiro a bater a funeraria pá.

No sinistro negror da campa derradeira
para os applausos dar e dar as punições
é preciso que a Gloria, a grande justiceira,
possa reconhecer todos os corações.



Versos sobre Edgar Poë

A ARARIPE JUNIOR

GRANDE Poë, eu quizera n'esta idade
erguer teu vulto como o de uma estatua
para mostra-lo em toda a claridade
à geração moderna, á mocidade
frivola e fátua !

Sim, eu te entendo sonhador exotico,
extranho sonhador,
eu comprehendo teu pensar nevrotico,
a tua immensa dor

Eu comprehendo em meio do tumulto
d'esta profunda agitação humana
que não coubesse teu heroico vulto
ante o labor desasisado e estulto
da nossa idade insana..,

De que serve esta febre, que nos leva,
de Verdade e Real ?
Não vale mais sentir brilhar na treva
o lume do Ideal ?

Pois não é esta vida tão mesquinha
tão estúpida e van, tão desgraçada
que a alma deva querer no espaço, asinha,
despedaçando esta prisão damninha,
pairar desassombrada ?

Sim. E, no entanto os idolos quebramos
da alegria vivaz
e nossas forças todas annullamos
n'um labor contumaz...

Sonhar !... E' abrir velas ás esplendidas
lufadas da Illusão, mansas, macias...
Sentir em doces, em estranhos canticos
embalarem-se os dias...

E' como uma janella debruçada
sobre outro mundo, sobre novos céos
— sentir a Phantasia escancarada
sem cortinas ! sem véos !

E' a delicia extrema, é a grandiloqua
aspiração mais alta da noss'alma !
vogar do azul na immensidade olympica
ora em sonhos terriveis, ora em calma !

Beber! Sentir o Vinho que alastrando-se
no percurso febril das nossas veias,
em rutilantes catadupas vividas
nos despenca as ideias!

O' beber é quebrar os laços todos...
é desprender a nossa mente exul...
é cavalgar sobre os terrenos lodos
do Sonho o grifo azul!

Só quem sabe o que vale o vinho rútilo
são os que têm os peitos sangrentados...
A purpura do Vinho é toda a purpura
que têm para cobrir-se os desgraçados!

—

Quando leio teus livros, d'elles trago
a alma, como um farrapo machucada
e em meu olhar extranhamente vago
paíra a Allucinação desordenada.

Ha todo o formigar d'um mundo novo
phantastico, gigante, extr'ordinario!
Sente-se a vida louca d'outro povo,
pullulando em teu craneo visionario!

Isso é o Bello! o Bello que sacode
veia por veia, arteria por arteria,
nosso corpo febril que a custo pôde
reconhecer seu cárcer de miséria!

Seja o *delirium tremens* muito embora
quem teu espirito espantoso enleva :
— és como o impossível de uma aurora
em que brilhasse um sol feito de treva !

Si houvesse, como tu, dez creadores
d'essas visões nevroticas e ardentes,
da Insânia nos sublimes esplendores
todos nós rolariamos contentes !

—
Grande Poë, a Loucura, que matou-te,
ha de empolgar-me o cérebro algum dia :
— tu e eu, nós iremos da amplidão
contra os sonhos fallazes da Razão
semeando a Ironia !



Terminando MENSONGES

de Paul Bourget.

Cu não creio que o Dante haja sabido
soffrimento maior que o d'esta idade
que mina a pouco e pouco a mocidade
e nos tortura o coração ferido.

E' um suicidio lento... a crueldade
de arrancar cada dia decorrido
algum sonho vivaz e estremecido,
que a alma enchia de luz e alacridade.

Cada livro que **l**emos é certeza
de novo desabar de intima crença
de esperança illusoria de belleza...

Nem para Deus erguendo nossos braços
podemos appellar... Deus — dos espaços
fugiu deixando a solidão immensa...

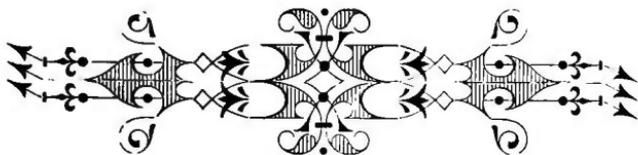


ARTISTAS

SENHORA, eu não conheço a phrase almiscarada dos altivos D. Juans que vão aos teus salões nem conheço tambem a trama complicada que envolve, que seduz e prende os corações...

Sei que Talma dizia aos juvenis actores que o Sentimento é máo, si é verdadeiro e são... e quem menos sentir os odios e os rancores mais pode simular das almas a paixão.

E' por isto talvez que eu que não sou artista, nem n'estes versos meus posso infundir calor desvio-me de ti, fujo de tua vista, porque não sei dizer-te o meu immenso amôr.



NOITES DE ENFADO

NAS ruas da cidade, quando, escura,
baixa a noite do céu concavo e frio
passeio o Tédio: a tragica amargura
que me corrôe o coração vazio.

Seiva de auroras — si eu a tive acaso
no estivo ardor que a mocidade inflamma —
extinguiu-se de ha muito... O fulvo occaso
dourou por certo um estendal de lama,

Sigo de noite as ruas mal calçadas...
Dormem nas velhas casas silenciosas
as pudicas e doces namoradas,
sonhando em phantasias vaporosas...

E eu já menti ás candidas amantes
e as candidas amantes me illudiram...
Os rudes desenganos soluçantes
esperam esses que a scismar suspiram !

Sigo... Passam as bellas meretrizes :
Carne que apenas meu ardor incende ;
mas a Syphilis mostra as cicatrizes
sob a sêda gentil que os corpos prende.

Da escuridão trevosa nos horrôres
os torvos e sinistros assassinos
para vingar os tétricos rancores
arremettem sanhudos e ferinos...

Felizes elles ! Bemaventurados
os que inda sabem odiar na vida !
Ai dos pollutos corações cançados
que não bafeja uma paixão querida !

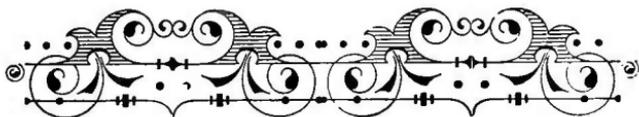
Sigo... O Tedio implacavel me avassala.
Sáem dos buliçosos restaurantes :
rumor de vozes em enorme sala,
som de tangos dengosos, ondulantes...

Musica infame, estropiada e triste
— triste na sua estúpida alegria !
Canta a mágua cruel de quanto existe
na cadencia banal d'esta harmonia !

Embebedam-se os moços... O Talento,
luz que illumina o eterno desengano,
queima no alcool o esteril Pensamento,
a vêr si illudê o soffrimento humano.

Bebam! Em breve, quando dissipados
fôrem dos vinhos os subtis vapôres,
hão de, nos tristes cérebros cançados,
pungir mais fortes as cruentas dôres!

Nada me attráe o espirito, batido
pela inclemencia aspérrima do Tédio...
onde meu pobre coração ferido
d'este desanimo achará remedio?



CANÇÃO

POR onde quer que, seguindo,
trilhes da vida os caminhos,
nunca mais verás florindo,
como os meus — outros carinhos !

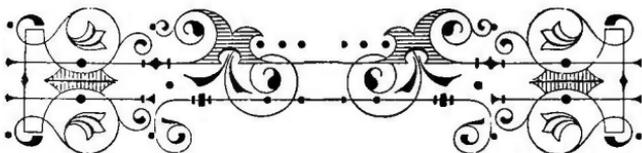
Cerquem teu rosto tão puro
de longos beijos secretos,
não sentirás (— eu te juro —)
como os meus — outros affectos !

Forrem-te os passos mimosos
de mil tapizes de flores
não terás tão deleitosos,
como os meus — outros amores !

Teçam-te idyllios severos,
correctos, cheios de encantos,
não sentirás tão sinceros,
como os meus — os outros cantos !

Cinjam-te embora trementes
novos amantes nos braços
não sentirás tão ardentes,
como os meus — outros abraços !

Eu, porém... Eu nas sombrias
horas de loucos desejos,
não sentirei nos meus dias,
como os teus — os outros beijos !



MAGUAS ALHEIAS

A PARDAL MALLET

QLHAM : A vida inteira é qual batalha,
cheia de trevas e de desenganos.
Um deus iniquo sobre a Terra espalha
soffrimentos insanos...

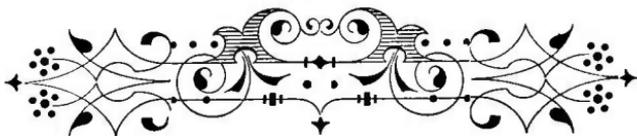
Vão cumulando as máguas e as tristezas
dentro dos pobres corações chagados ;
sentem da estrada as duras asperezas
sob os pés macerados...

E um dia, em summa, vendo a dôr mais forte
têm a sublime e tragica coragem
de atirarem-se, intrepidos, da Morte
á terrível voragem.

Matam-se. Então dos peitos sem alentos —
vivos ainda, pelo azul voando,
como abutres cruéis, os Sofrimentos
saem: sinistro bando!

Saem batendo as azas... Nos espaços
seguem, negros, rasgando os horisontes...
Quando descem emfim, poisam-se lasos
por sobre as nossas fronte.

E reflectimos : « Porque cæusa andamos
co'as nossas almas de pezares cheias?... »
E sem saber dentro de nós guardamos
fundas máguas alheias...



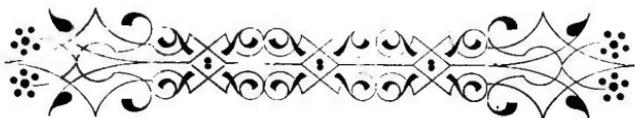
Eau-forte de Jacquemart

J'AI, dans un livre de Gautier,
un médaillon avec sa tête,
où sa figure de poète
montre son noble front altier.

Sa chevelure couvre, entier,
son large crâne ; elle lui prête
un air superbe de prophète.
On penserait qu'il va blâmer...

O grande tête, où sans des voiles
la Poésie nous apparaît
versant la flamme dans nos moelles,

par les cheveux si on te levait,
certainement il coulerait
non pas du sang, mais des étoiles !



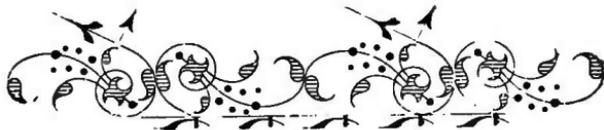
Declaração... possível

MEU pensamento indomito, atrevido,
— condôr que adora as tempestades bravas —
batendo as azas tristemente escravas,
a teus pés, sem vigor, rolou ferido.

Hoje o misero passaro cahido,
outr'ora affeito dos volcões ás lavas,
nem já se queixa das prisões ignavas
que o deixaram, no sólo, combalido.

Agora para o vêr subir ousado
ao firmamento azul, illimitado,
ou rastejar, captivo, pelo chão,

basta dos vossos labios a sentença :
— sim! — p'ra lhe dardes a amplidão immensa,
para nas sombras o deixardes : — não!



O PADRE TENORIO

(Lenda Pernambucana)

A JULIO TRAJANO DE MOURA

Como mentiu aspiração tão nobre ? !
Como mentiu aspiração tão santa ? !
Nem um braço de ferro se levanta
d'aquelles que hoje a sepultura cobre...

Homens de 17, heróes da raça,
dos antigos titans, a Liberdade
chora ainda na misera orphandade...
chora ainda na noite da desgraça...

Quando virão um dia os vossos filhos,
— filhos da vossa indomita coragem —
erguer do olvido a vingadora imagem
da vossa gloria, derramando brilhos ?

Quando virão? E é hora de pejeja!
A patria, sem alento, hoje, de bruços,
por vós clama, misérrima, em soluços,
e em soluços, misérrima, rasteja!

Grande Padre Tenorio! hoje a batina
já não encobre corações gigantes...
Vestem-n-a apenas uns jograes farçantes,
herões do Vicio, herões da Trampolina!

Tu dormiste por noites agitadas,
scismando em tua Patria envilecida,
Elles não pensam n'isto! Têm na vida
o collo morno e bom das confessadas...

Homens de 17, chega a hora
de despertardes do sepulchro frio;
vinde dar-nos vergonha! dar-nos brio!
vinde ensinar-nos o valor agora!

Elle era um padre bom, austero e virtucoso,
cheio de muito amor, de olhar calmo e bondoso.
Ungia no calor das suas orações
de um balsamo de fé os impios corações
que nas trilhas da dôr a duvida ferira.
Padre, — d'esses que a Crença ao coração inspira
a grandeza sem par de santos ideaes
e são fortes e bons e nobres e leaes.

Deos não lhe enchêra todo o manso peito d'aço;
inda n'elle sobrâra agigantado espaço
para caber da Patria o luminoso amor.

Não que elle procurasse o vívido esplendor,
as mil fulgurações esplendidas da Gloria,
ou desejasse, em pé, nas paginas da Historia
surgir, como sómente apparecer-nos sóe
quem pôde merecer o titulo de heróe.

Elle era um sacerdote humilde e venerando.
Mas sentiu revoltado o largo peito, quando
viu a rude oppressão do povo portuguez
a querer comprimir a intrépida altivez
d'este santo paiz, d'esta bemditá terra.

O apostolo da paz ousou pensar na guerra!

Elle esqueceu que o Christo — indino cidadão! —
aceitou da Judeia a iniqua servidão
e — covarde — pagou o imposto ao inimigo!

Fez o que faz quem tem no immaculado abrigo
do nobre coração, do coração viril
o grande amor da Patria a expandir-se febril
e na hora da luta, a hora da peleja
ergue-se como um tigre, e indomito esbraveja
e rompe e despedaça o ferro mais tenaz.

Por isto, quando ouviu as notas marciaes
do clarim do combate, esqueceu a batina
e, em vez do calix d'ouro, ergueu a carabina!

Combateu pelo Bem. Lutou.

Si não venceu
é que parece haver nos concavos do céu
— não Deus, que Deus não ha — mas negra divindade.
que protege e alimenta a Sombra e a Crueldade
e que em barbaras leis permite que afinal
sempre domine e vença o grande horror do Mal!

Polonia! a que serviu ter na bandeira a imagem
da virgem dos Christãos?

Rolaste na voragem
do negro despotismo estúpido e feroz...

Cahiste, como emfim cahimos todos nós
nessa heroica revolta audaz de 17,
como deve cahir aquelle que commette
o crime de adorar a Gloria, que o seduz:
— entre nimbos de sóes: aureolado de luz!

E a Metropole então nos esmagou de novo;
feriu barbaramente o coração do povo.

O Padre entre os heróes da audaz revolução
foi na força espiar a sua nobre acção
e para bem gravar um portentoso exemplo
perto do seu modesto e respeitado templo
pregaram sobre um poste as venerandas mãos
que ergueram muita vez a Hostia dos christãos.

E o povo — o povo é sempre um'alma ingenua e grande
que na treva boçal da ignorancia expande
seus largos ideaes, dando de esmola a Deus
uns milagres que são unicamente seus —
o povo viu nas mãos do Padre, já sem vida
uma hostia de luz brilhar á noite erguida !

Hostia ?

Bem póde ser... Da bella communhão
de um martyr e de um povo em santa aspiração !



Resumo de um poema

ESTA rude conquista da Verdade
que os sonhos todos da noss'alma arranca
e a fonte da illusão, barbara, estanca
para deixar a amarga anciedade
da innota Realidade

— de que nos serve, si afinal nós vemos
que quanto a humana intelligencia aspira
é passageira e rapida mentira
e n'este arfar dos corações soffremos
em martyrios supremos...

Nós criamos no Amor — o amor sagrado
das castissimas virgens innocentes.
— Vimo-las todas a pedir, trementes
da Carne o goso ardente e ignorado,
o goso depravado...

Nós criamos no Bello : um só affecto
prendendo toda a multidão humana...
— Vimos cada alma, em si, que, soberana,
acclamava n'um extasis discreto
seu sonho predilecto...

Pensamos na Justiça : erguer, sublime,
o Direito dos povos opprimidos...
— Em torvo mar de lugubres gemidos,
traduzindo uma dor que não se exprime,
surgiu da Guerra o crime...

Então quizemos Deus : um Deus potente
que nos guardasse as miseraveis fronte...
— A Sciencia, dos amplos horisontes.
ao verbo da Razão, fria e inclemente
banira-o rudemente...

Buscamos a Verdade. Iamos, certos
de encontrar o segredo do Destino.
— Nosso esforço engenhoso, nobre e fino
da Duvida nos áridos desertos
atirou-nos, incertos...

Então buscamos arrancar das almas
o Pensamento : mancenilha infesta...
— Mas a raiz ficou... Planta funesta,
roubando a luz ás nossas doces calmas
negras, abriu as palmas...

O que fazer? O vendaval em furia
nos açoitava como cães errantes...
— Encontramos nos seios das amantes
o esquecimento, a placidez, a incuria,
nos éstos da luxuria...

Só, pois, mulheres lúbricas, despidas,
onde gozo não ha que não se encarne,
nas epopeias sensuaes da Carne,
podem dar-nos ainda ás nossas vidas
as delicias queridas...

Eis o que resta... Mas, emfim, um dia,
este desejo acabará tambem
e noss'alma afinal, erma e vazia,
aspirará somente escura e fria,
a Morte : o summo bem!



VERSOS DIFFICEIS

Fação e desfaco... A Ideia mal domada
o carcere da Fôrma foge e evita.
Breve, na folha tanta vez riscada
palavra alguma caberá escripta...

E terás tu p'ra quem trabalho, Amada,
o decisivo nome da bemdita
companheira formosa e dedicada
a quem minh'alma tanto busca, afflicta ?

Não sei... Ha muito a febre me consome
de achar a Fôrma e conhecer o nome
da que a meus dias reservou o fado.

E hei de ver, quando saiba, triumphante,
o verso bom, a verdadeira amante,
— a folha: cheia,—o coração: cançado!



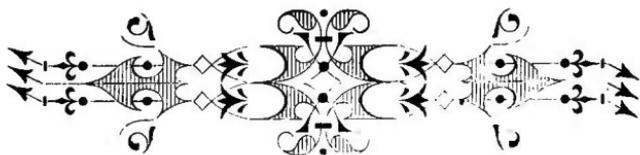
Ao enterro de uma criança

TRAGO a blasphemia nos meus labios frios
— hei de lança-la sobre o teu caixão!
Soltem os padres:— vendilhões sombrios —
o grasnido venal do cantochão!

Soltem, que ha muito d'agua benta os rios
correm das tumbas no gelado chão
e nos sepulchros, afinal vasios,
nada dos vermes paralysa a acção.

Por isto, junto do teu corpo leve,
que á sepultura descera em breve,
trazendo os roucos sacrilegios vim.

Si as preces vãs que sobre ti sacodem
nada alcançarem, quero vêr, se emfim
pôde a blasphemia o que orações não podem.

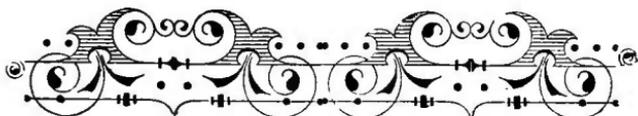


QUEREM que nós voltemos para a Crença
para termos de novo os esplendôres
da antiga fé, que consolava as dôres :
balsamo de carinho e paz immensa.

Oh ! mas fôra uma barbara sentença,
esquecendo os passados dissabôres,
erguermos com esplendidos lavôres
a nova cathedral sublime e extensa,

para sabermos que afinal um dia,
nossos filhos — por máguas atirados
nos horrôres da Dúvida sombria —

tenham de ser dos templos reformados,
como cães miseraveis enxotados
pela Verdade luminosa e fria !



SUBLIME DISTICO

A COELHO LISBÔA

Eis o mimoso cális deste verde
e rutilante e vívido absintho
que me transporta a mundos, onde sinto
que toda a Dôr humana emfim se perde,

Eis a fusão de ricas esmeraldas,
a opulencia dos doudos sonhadores,
que de mantos de régios esplendores
lhes veste as magras, as febris espaldas.

E eis que, quando bebe-lo, ardente bando
de mulheres formosas e despídas
dansará diante mim, em não sabidas
walsas estranhas, sem pudor, cantando...

E hei de ter as volúpias que, fremente,
D. Juan bebeu no labio das Elviras,
quando os nervos nos vibram como lyras,
o hymno da Carne, másculo, potente...

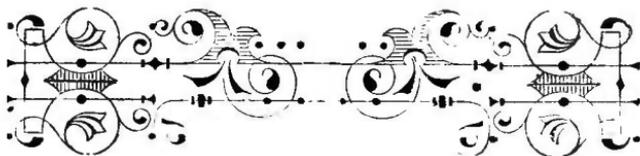
E hei de de ter os desmaios languorosos
dos Romeus soluçando nas varandas
as endechas do amor, lyricas, brandas,
cheias de platonismos vaporosos...

E hei de ser, como Othello, ciumento,
tigre de olhar raivoso e allucinado,
e hei de sentir-me tragico e enganado
suffocando Desdemona, sangrento...

Ha de vir... hade vir, em sonho, a Gloria
para velar-me co'as sublimes azas
e hei de — ao rasgar da sombra as densas gazas—
surgir nas folhas immortaes da Historia!

O' que divina e esplendida loucura
essa que nos embala em aureos sonhos
e nos transporta aos páramos risonhos
— aos páramos ethereos da ventura!

Quero-a! Desejo-a!... Ás bordas dessa taça,
bem contrario ao de Dante:— motte horrendo
que se escreva a fulgir: « AQUI, BEBENDO,
DEIXA-SE TODA A DÓR! TODA A DESGRAÇA! »



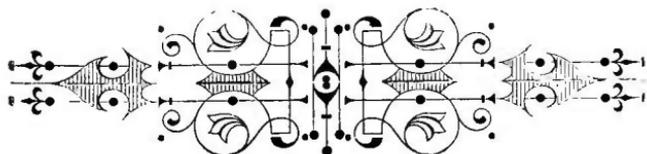
ATHEU E CRENTE

SEI que rezas por mim á noite, quando,
casta, repousas no perfúmeo leito
teu alvo corpo escultural, perfeito,
das fadigas do dia repousando.

Sei que pedes a Deus, as mãos juntando
com vivo, austero, religioso preito,
que derrame, bondoso, no meu peito
a crença antiga que perdi, luctando.

Mas, sobre o collo virginal e puro
sólto o cabelo setinoso e escuro,
emquanto rezas com profundo ardor

eu : o sombrio atheu por quem tu oras,
eu scismo e penso n'essas tristes horas
na Deusa augusta do meu santo amor !

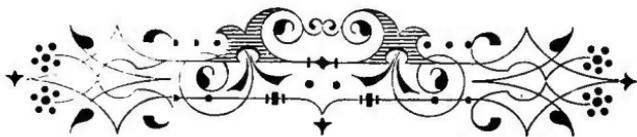


A bem do serviço publico...

CHOVE ha tres dias' — tres eternidades! —
longa, monótona, insistentemente...
Debalde todos nós temos vontades
de revêrmos do sól a luz fulgente.

E andam agora, assim, umas asneiras
de sol e chuva, que ninguem entende :
— si queremos o sol, chove em cachoeiras!
—si esperamos a chuva, o sol esplende!

E', pois, preciso, sem perder segundo,
d'esta incerteza p'ra que cesse o inferno,
por incapaz de governar o mundo
aposentar o velho Padre Eterno!



NA ROÇA

PENSO em ti minha amada... A Natureza
junto de mim reveste-se de gala
e minh'alma a scismar, muda, resvala
ás sombras da saudade e da tristeza.

E' meio-dia. O sol no descampado
jorra thermas ardentes de fulgór...
Tudo tem vida, tudo tem amor.
— só eu não tenho teu olhar amado.

Oh ! si tu fóras a meu lado agora,
si em meu hombro pousasses tua fronte,
eu acharia luz n'este horisonte,
affecto — em tua bocca seductora !

Nós iríamos juntos nos caminhos
colhendo as borboletas infantis,
iríamos aos passaros gentis
ensinando os affagos e os carinhos.

E os lyrios brancos do varzêdo, quando
perpassássemos rindo entre cardumes
de chiméras e sonhos e perfumes,
tremeriam de inveja, murmurando.

Ao papear dos módulos harpejos
nas ramas dos silvestres matagaes
— os passarinhos lédos, joviaes
glosariam, trinando, nossos beijos.

As trepadeiras, enroscando os laços
pelos caules pujantes e rugosos,
comnosco aprenderiam os ditosos
impetos loucos dos febris abraços.

Quanto beijo de amor eu não te dera!
Quanta doce caricia sensual!
Em teus labios de rúbido coral
quanto effluvio divino eu não sorvéra!

Ah! mas quem sabe si jámais a fronte
eu no teu collo pousarei, um dia?
Sei que do meu olhar a chamma fria,
sem ti, não acha luz n'este horisonte.

Aves canoras de doiradas plumas
ide mais longe os canticos soltar!
Oh! Natureza deixa-me boiar
do mar dos sonhos nas subtis espumas !



ILLUSÕES

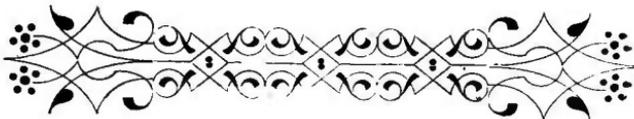
NO ALBUM DE ERNESTO SENNA

VELAS fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos — depois... depois, vasia,
a curva azul do mar, onde, sonora,
canta do vento a triste psalmodia...

Partem, pandas e brancas... Vem a aurora
e vem a noite apoz muda e sombria...
E, si em porto distante a frota ancora,
é p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam, garbosas.
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
na esteira azul da peregrina frota...

Chegam... Ancoram na alma um só momento...
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
fogem p'ra longes solidões remotas...



OUVINDO MUSICA

AO DR. FRANKLIN TÁVORA

NÃO; tu não sabes traduzir as ancias
doidas, frementes, que o meu ser agitam:
nas vagas da Harmonia não palpitam
meus anceios de amor.

Dizem que soltas pelo ar as pérolas
da mais ardente e esplendida poesia,
que tens escriptorios ricos de magia,
de vívido fulgôr.

Das walsas lencas nas cadencias languidas
dizem que ora resumes todo o encanto
do meigo affecto indefinido e santo
que o coração contem,

ora expandes, nervosa, das volúpias
os mais subtis e sensuaes affagos
e um veneno de gozo em doces tragos
de cada nota vem...

só eu não posso navegar impávido,
por sobre as vagas do teu mar sonóro :
eu, que os encantos do Perfume adoro,
quero-o antes sentir !

O Perfume ! O Perfume ! O Som mais limpido
póde dizer-vos o que diz o Arôma ? !
Um genio sobre vós, lançando assoma
as pérolas de Ophir

Passam deidades a cantar, esplendidas...
Córo de beijos pelo ar fluctua...
Cada visão que surge — surge nua
para vos vir beijar...

Não. Na Harmonia não se tem os magicos
abraços cheios de um amor ardente !
Como ás ancias do Arôma não se sente
a Carne palpitar !

Tudo perpassa sobre as ondas lucidas
as ondas turbulentas dos perfumes ;
— beijos, caricias, gozos e ciumes —
giram em turbilhões...

A mil chimeras de ventura incognita
nas nossas almas o prazer desperta
e a barca da existencia voga incerta
n'um mar de tentações...

Quando sinto vergar meu corpo exanime,
dos Perfumes ardentes ao abraço,
creio dormir no lúcido regaço
de mulheres do céu...

Oh ! não me falem dos harpejos cálidos,
das delicias do Som sublime e brando.
Perfume ! eu quero me envolver, sonhando,
no teu mágico véu !



SOMBRE GLOIRE

A BELARMINO CARNEIRO

POUR braver l'éternel oubli de l'avenir
et laisser mon vestige aux pages de l'Histoire
je voudrais conquérir quelque sinistre gloire
qui ne laissât jamais mon vil renom périr.

Et, puisque je n'ai pas la splendeur du Génie
pour dorer la banale harmonie de mes vers,
je songe quelquefois à devenir pervers
et du Crime à chercher la milice avilie.

Peut-être je serais un si cruel brigand
que mon nom deviendrait le phantasme des mères
et, lorsqu'on parlerait des fatals Lacenaires,
il semblerait plus noir ! il semblerait plus grand !

Le crime, travaillé dans mon crâne rebelle,
prendrait quelque cachet si rude et monstrueux
que le plus vil bandit se rendrait vertueux,
la profonde stupeur montant à sa cervelle !

Puis, un jour, la Justice au grave tribunal,
jetterait à la Mort ma misérable tête
et, malgré ça, la foule attendrait inquiète,
voulant tuer l'horrible et féroce chacal.

Pendant qu'on dresserait dans la place publique
le décor du spectacle où je serais acteur,
dans l'humide cachot je chercherais rêveur
trouver quelque *bon mot* pour le moment tragique.

Mort, j'irais au Musée où sont les criminels
pour l'étude figés dans un ignoble plâtre,
et, livide, effrayant, sous le masque blanchâtre
je saurais me moquer des savants solemnels.

Ce serait une triste et sombre renommée,
mais du moins je pourrais vivre éternellement !
et peut-être on verrait plus d'un bourgeois tremblant
tressaillir regardant ma figure plâtrée.

« Bandit ! je lui dirais, tu voles tous les jours,
tu as déjà commis plus d'un horrible crime...
Viens-tu pour me blâmer ? ! J'ai su être sublime,
j'ai bien cherché le Mal sans tes lâches détours ! »

Oh ! ce serait ainsi... Mais est-ce que la Gloire
vaut quelque chose aux morts couchés dans le tombeau ?
Qu'importe?... Je me plains car jamais mon cerveau
ne saura conquérir ce mirage illusoire !



Cantos Posthumos

A OSORIO DUQUE-ESTRADA

Tu nunca ouviste o murmúrio brando
que mansamente pelo ar se eleva
entre as medonhas solidões da Treva
quando o humano rumor vai se aquietando?

Zumbe monótono, em compasso, ondeando,
como voz que na noite escura e séva
o vento frio nas rajadas leva,
pouso no immenso espaço procurando.

Ouviste, certo... E não pensaste nunca
nos grandes genios a que a Morte adunca
no chão, sem vida, em plena flôr, estende?

— Pois, sabe:— é d'elles, quando a sombra desce,
esse sussurro que se espalha e cresce
dizendo cantos que ninguem entende!



SERENATA

A DARIO FREIRE

UA insipidez moderna d'esta idade já passaram de moda as serenatas.. Esta, eu a fiz, lembrando a suavidade das nossas noites tropicaes, tão gratas aos devaneios vagos do lyrismo dos velhos tempos bons do Romantismo :

« Vem ! as estrellas brilham serenas,
brilham formosas no azul celeste ;
geme nos campos, em cantilenas
nos milhos louros, o vento léste...

As eglantinas,
ao curto termo das vidas breves,
as delicadas pétalas leves
soltam franzinas...

Pelas estradas, agora escuras,
erram, voando, mórnos perfumes...
Das balsas verdes nas espessuras
 ha vagalumes...

Vem! nós iremos de braço dado,
mudos de goso, de um goso ardente,
sentindo apenas em nós fitado
dos astros vivos o olhar luzente...

Vibram nos ares
gorgeios de aves, divinos, ledos...
Boiam abertos, nos lagos quedos,
 os nenuphares...

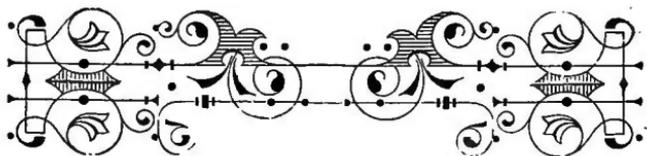
Vem! sobre as aguas, que as ardentias
enchem de um brilho vago e saudoso,
meu barco espera nas ondas frias,
 Leve e garboso...

Nós, abraçados, n'elle entraremos,
e, sem que busques no espaço vê-las,
hão de ao cadente bater dos remos
brotarem, ledos, milhões de estrellas...

Vem! Enlaçados,
quem póde acaso saber, perdidos,
o que traduzem nossos gemidos
 entrecortados!!

Os astros calmos verão sómente,
rasgando as algas, do barco a proa,
vogar de manso... vogar silente...
á tóa... á tóa... »

Sob as varandas, hoje, das donzellas
vão lá cantar alguma cousa d'estas !
Logo um burguez obeso, de chinellas,
apitando, raivoso, das janellas,
em paga a taes inspirações funestas,
fará levar o pobre namorado
para um xadrez qualquer, envergonhado..



PEIOR, PEIOR AINDA

Oh ! Natureza ! Natureza fria,
de cujos seios toda a vida pende !
Deosa que as flôres nos rosaes estende !
Deosa que os vermes aos rosaes envia !

Mãi ! quando chegue o derradeiro dia
da vida má que em meu olhar se accende,
e a luz que n'elle a refulgir esplende
da treva suma a escuridão sombria ;

Mãi ! de meu corpo si sahir, maldita,
uma alma vil, a procurar, afflicta,
onde em teu dórso colossal pousar,

toma-a ! revive-a mais cruel ainda !
faz que, animada de uma furia infinda,
ruja na guela do feroz jaguar !



CALMA E BORRASCA

OUVES ? La fóra a tempestade ruge,
passa no campo o vendaval nitrindo,
no leito o rio caudaloso muge,
pelas vertentes da montanha estruge
a enxurrada, cahindo.

Na agreste e dura penedia bronca,
por onde o raio flammejante passa,
o vento norte nas gárgantas ronca
e os arvoredos a silvar destronca,
torce, rúe, despedaça.

Ouves ? Não tremás. Que o tufão desfeito
brama, sinistro, nos cairéis da serra
— o que te importa, si tu tens meu peito,
que o sol ardente d'um amor perfeito
sempre lúcido encerra!

Talvez, sinistro, algum cruel bandido
ataque um debil viajor nas sombras
e o corpo deixe pelo chão cahido,
sangrando, exausto, a gottejar, ferido,
nas humidas alfombras...

Talvez que ao sopro do bulcão sanhudo
agora trema algum velhinho exangue
e sobre a aresta do rochedo agudo
a mão crispada em soffrimento mudo
pegue, espirrando o sangue...

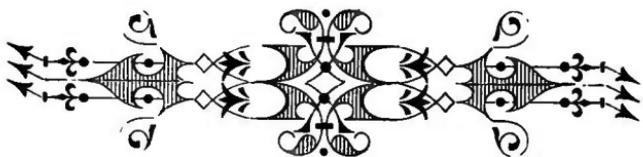
Talvez, sem força, sem vigor, perdida,
alguma débil criancinha chore
e sem dos raios encontrar guarida
na estrada, lívida, a chorar, transida,
pávida, trema e ore...

Mas, que nos faz o soffrimento alheio,
si em nós o goso palpitando estúa ?
Despe-te, Laura ! Quero vêr teu seio,
quero sentir o perfumoso anceio
da tua pelle núa.

A's dôres negras, aos fataes tormentos,
que vem nas azas da procella em fúria,
sirvam de escárneos os rumores lentos
dos nossos beijos sensuaes, febrentos,
repletos de luxúria !

Si rolam troncos as caudaes irosas,
rolemos juntos do prazer na vaga!...
Vê como em fortes pulsações estosas
ao rijo sopro dos paixões fogosas
o espirito naufraga!

...E será certo que lá fóra treme
toda a floresta do tufão nos braços?
Não sei! Teu lábio no meu lábio geme,
e eu sinto apenas que teu collo freme
nos meus loucos abraços...



Nas ruínas de um mosteiro

TEMPLO fechado ao labutar profundo,
nave deserta, solitaria, enorme,
em ti dos prantos o vestigio dorme
de quanta virgem tu roubaste ao mundo !

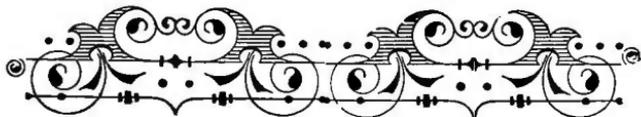
Quando a floresta ramalhar sombria
murmure ao longe maldições tremendas !
Afasto o passo o viajor das sendas
que a ti conduzem na soidão bravia !

Do altar fendido no vivaz granito
vegetem cardos derramando espinhos
e o sólo em torno de sarçães maninhos
todo se cubra como um chão maldito !

Venham nos mantos das imagens tuas
corvos sombrios estercar à noite
e o vento os rasgue com feral açoite,
deixando as virgens ao relento, nuas.

Deitem perdidas prostitutas loucas
na pedra d'ara dos altares santos
e, em vez dos sacros religiosos cantos,
ouçam-se os beijos das orgias roucas!

—
Ha muito choro no silencio triste,
nos claustros negros d'esta vil prisão :
quanta batina pelo mundo existe
não basta ainda p'ra limpar-lhe o chão !



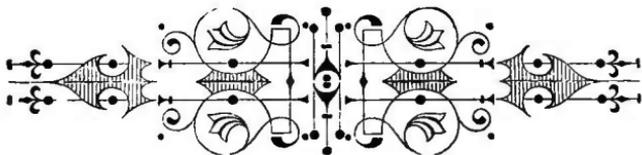
BANDIDOS...

E eu que, ás vezes, se leva á guilhotina erguida
um sinistro e cruel facinora malvado,
— féra de cujo olhar no brilho ensanguentado
do Crime se desenha a furia pervertida—,

E eu, que vejo o rugir da plebe enfurecida
e escuto em cada bôcca um vingativo brado,
— quando sinto cahir do tronco decepado
essa cabeça vil, sem pulsações de vida, -

lembro os Christos fataes : terriveis assassinos
que hão banhado de sangue os miseros destinos
d'esse povo imbecil que os ama loucamente,

e eu recordo essa atroz contradicção infinda :
— que p'ra esses não houve o cadafalso ainda!...
— Oh ! Bandidos, eu acho a vossa mão clemente...



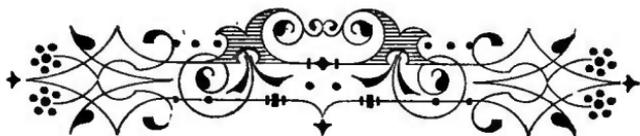
NIHIL

TANTA lucta cruel! tantos cansaços
agitam loucamente a Terra escura!
e nós vamos em busca da ventura,
clamando em balde pelos vãos espaços!

Vamos pela amplidão erguendo os braços
a perscrutar dos céos a curvatura,
e da existencia pela trilha impura
não acham pouso nossos membros lassos!

Olhos fitos ao longe,—ao longe vamos,
procurando o Ideial que desejamos
achar ao termo da cruel jornada...

Ei-lo que surge um dia :— E' pó sómente !
— O que nos resta quando tudo mente ?
— A aspiração immensa para o Nada !



DESPINDO-A

LAURA, das tuas carnes delicadas,
alvas, como alva espuma,
quero arrancar as roupas perfumadas,
uma por uma.

Quero nas minhas mãos cada colchête,
rápido, vèr saltando,
as barbatanas finas do collête
desapertando.

Quero sob a baptiste do corpinho
a nítida frescura
vèr d'essa têz de lyrios e de arminho,
setínea pura.

Vêr as saias cahirem pelo solo,
em flócos, mansamente,
e, palpitando, teu nervoso collo
bater tremente.

Vêr teus seios de cutis fina e lisa,
rósea da côr dos jambos,
quando arrancares, lépida, a camisa
saltarem ambos.

E, núa emfim, vêr o teu corpo claro,
n'um rápido momento,
surgir formoso n'um divino e raro
deslumbramento.

Fique sómente o alvôr sobresahindo
das magestosas pernas,
as tuas negras meias te cingindo,
ciosas, ternas...

Como um manto de noites de tormentas
sobre as espáduas tuas
róle o cabelo em ondas opulentas
nas fórmãs nùas!

Languida, então, ó minha doce amante,
faz' teu corpo perfeito
reclinar-se, despido e triumphante,
no fôfo leito...

Deixa do amor os sensuaes harpejos
nos teus bellos contornos
vibrar meu lábio em carinhosos beijos
lentos e mornos...

Que então, febrentos, em supremo arranco,
em sublimes anceios,
palpitem, rijos, com teu corpo branco
teus hirtos seios...

E, quando, enfim, se consumir dos gosos
a fúria enfebrecida,
cinge-me ainda em sonhos venturosos
desfallecida...



AMOR DEFEZO

H...

HA mulheres assim... Noss'alma ao ve-las
vai de rastro seguindo-as nos camialhos,
haja flôres no chão, ou haja espinhos,
tenha sombras o céo, ou tenha estrellas !

Quem as póde evitar? Surgem-nos bellas
e aos nossos tristes corações maninhos
vêm trazer a esperança de carinhos
e agitar-nos em intimas procellas.

Sentindo-as, nosso espirito na vaga
da paixão, ora surge, ora naufraga,
como nas sanhas de um bulcão defeito.

E, quando as luctas serenando vemos,
aos arcanos mais intimos descemos:
— vasio achamos de illusões o peitol



Vanini

AO DR. EUNAPIO DEIRÓ

Indo para o supplicio repelliu um cruxifixo que lhe estendia um monge dizendo: "O Christo moribundo estava banhado de um suor pusillanime; quanto a mim, eu morro sem medo.

De vita Vanini—Shramm, p. 134.

Voici l'homme! Voici l'athée!

JEAN RICHEPIN.

ERA um ente funesto um perigoso atheu que não volvia nunca os olhos para o céu, nem cria no Senhor, na turba dos celestes archanjos divinaes de diamantinas vestes. Ria, quando sentia as multidões servis ouvirem docilmente as contumélias vis de que o padre cobria o seu maldito nome. Não cria no furor do inferno que consome as almas dos que são descrentes e infiéis. A alma—dizia então, sacudindo os annéis da cabelleira longa, a casquinar de mofa — é uma chimera louca, uma miragem fófa...

E pré-gava, e pré-gava umas doutrinas más...

Sobre a fronte, porém, tinha o fulgór vivaz
da forte intelligencia, aguda e penetrante
que analisa e desfaz n'um ephemero instante
a crença mais vetusta, a mais antiga fé
para erguer no destroço o Raciocinio em pé.

Ninguem sabe que luz, que fúlgida eloquencia
lhe emprestava ao vigor da forte intelligencia
o archanjo tenebroso: o pérfido Satan,
que, quando elle soltava a vibração louçan
da sua voz febril,—entrava em cada peito
d'aquella crença má o perigoso effeito,
no olympico surgir dos pensamentos seus,
da Virgem a falar, a maldizer de Deus!

Era, comtudo meigo, affavel, carinhoso.
Gostava de sentir o bando rumoroso
das crianças gentis a rir e saltitar,
e nos collos das mãis pendia-se a beijar
dos rostos infantis as pequeninas bóccas.

Ninguem vira-o jámais a murmurar as roucas
imprecações da raiva, estúpida e cruel.
Derramava, a falar, o delicioso mel
das vozes do perdão, dos candidos carinhos...
E era esse o seu mal, pois que nos seus caminhos
inoculava assim nas almas virginaes
entre affagos de amor, blasphemias infernaes

Considerando, pois, tão pérfido attentado
condemnaram-no então a perecer, queimado

Foi um dia de festa, o dia em que morreu.

Tolosa de prazer e júbilos encheu
as ruas, onde o povo em multidão incrível
corria para vêr o sacrificio horrivel.
Nos peitoris havia esplendidos padrões
de côxas carmezins, de galas e festões,
e assomava a cabeça á grade das janellas
o enxame jovial das candidas donzellas.

Todos queriam vêr o genio que do Mal,
do Anjo torpe e rebel mensageiro infernal,
andava desparzindo as rábidas sementes,
e entre a turba senil das velhinhas trementes
muitas contavam vêr Satanaz rebentar,
quando o maldito enfim viesse de expirar.
A praça, finalmente, o nobre condemnado
chegou. Tinha no rosto altivo e levantado
a forte placidez da crença que, tenaz,
nem mesmo no terror dos supplicios mortaes
sabe occultar, com medo, á santa claridade
os brilhos sideraes da lúcida verdade.

Vio, sem tremer siquer, o seu poste de dôr.

Entre as massas do povo inquieto e falladôr
erguia-se o fatal estrado de madeira,
que, em pouco, lhe seria a rúbida fogueira.

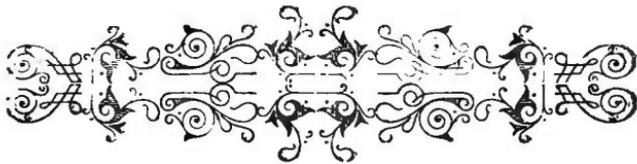
Calmo, cheio da doce e serena altivez
dos martyres da fé, todo o caminho fez
sem susto, nem temor. E no tropel infindo
si uma criança meiga elle avistava rindo
sorria-lhe tambem, cheio de compaixão
por essa idade em que não sente-se a razão.

Quando junto afinal do tenebroso estrada
ia subir sereno, e plácido, e calado,
um monge se chegou junto do rude atheu
p'ra lhe mostrar o Christo e lhe fallar do céu.
— Padre, disse Vanini, o Christo agonisante
sentia a pallidez subir-lhe no semblante,
tinha — que deus covarde ! — o medo de morrer !...
Eu — podes-me fítar — nem mesmo sei tremer !...

E subiu de vagar o estrada incandescente...

Viram o fogo então cercá-lo rubramente
e entre as chamma cruéis, rindo de mofa, em pé,
achava no esplendor da sua estranha fé
onde buscar, altivo, o plácido estoicismo.

Caiu, cheio de luz, como do céu no abysmo
cáem no poente rubro os luminosos sóes ;
como sabem morrer os astros e os heróes !



TEMPESTADE

A GUIMARÃES PASSOS

ANDAM por certo na floresta escura
sátyros ébrios sacudindo os troncos...
Ha pavorosos e terriveis roncós
na guela esteril da montanha dura...

Chove... Desabam catadupas brutas
no dorso negro e funeral da terra...
Chispas rebrilham de medonhas luctas
de mil titans em temerosa guerra...

A luz estende pelo ar funéreas
mortalhas brancas de esmaiada tinta;
dos astros louros e gentis—extincta,
não brilha a chamma nas soidões ethereas.

O mar... o mar allucinado, doudo,
urra, empolando os vagalhões irados,
que sobre as praias arremessa a rôdo,
com lastimosos, com plangentes brados...

E ha quem agora a tiritar, medroso,
trema e, de prantos rorejando a prece,
a Deus implore que a bonança apresse,
que se desfaça o temporal iroso !

Oh ! não !... Ha sempre sob o firmamento
muito rugido ! muita dôr profunda !
Ninguem abafa o perennal lamento
que em vão de prantos a miseria inunda !

Tu, pois, Tormenta—p'ra que emfim acabe
da Dôr o negro pesadello infando —
vê si, em teus braços colossaes o alçando,
fazes que o Cosmos com fragor desabe !

Vê si do Nada á solidão sombria
arrojas tudo com furor insano !
— Bem pode ser que na amplidão vazia
então se apague o soffrimento humano...



QUADRO DE GOYA

ERA um quadro de Goya, o tétrico pintor
que em seus painéis deixou a pavorosa traça
de um phantastico amor ás telas da Desgraça,
cheias de um desusado e extravagante horror.

Um morto levantando a lápide pesada
do sepulchro glacial,—livido, apodrecido,
revelava da Morte o mysterio insabido,
lentamente traçando esta palavra : NADA.

E como então minh'alma em desalento frio
scismasse n'esse vácuo, uma esperança morta
murmurou dentro em mim:—« E a ti o que te importa,
si nada tens também no coração vazio ? »



DERNIER AMOUR

A HORACIO DE CARVALHO.

JE rêve d'une femme impeccablement belle,
dont l'opulente chair aura la majesté
d'un corps que Phidias impuissant n'eut sculpté,
ni peut-être conçu dans sa tête immortelle.

Cette femme viendra. Un soir courbé sur elle,
les yeux dans ses yeux noirs au reflet velouté
j'y verrai un abîme affreux de volupté,
sentant sa croupe en feu bondir sous moi, rebelle.

J'aurai les lents baisers qui rampent sur la peau...
De la nuque au talon mes adroites caresses
lèveront des Desirs le féroce troupeau...

Puis—au moment vainqueur des sublimes ivresses
de ce plaisir-aigu où sombre la raison —
je sentirai la Mort dans cette pâmoison...



PROCLAMAÇÃO DECADENTE

A OLAVO BILAC

(Carta escripta por um poeta
a 20 de Floréal,
sendo Verlaine propheta
e Mallarmé—deos real.)

POETAS,

são tempos malditos
os tempos em que vivemos...
Em vez de estrophes, ha gritos
de desalentos supremos.

Si algum d'entre vós, cantando
nos banquetes ergue a taça,
sente, convulsa, pesando,
a mão fria da Desgraça !

O Sorriso é trêdo aborto
de algum soluço contido,
á beira dos labios morto,
pelo Escárneo repellido.

E o Pranto—si o Pranto ardente
banha uma face sombria—
vem do excesso do pungente
riso mordaz de Ironia.

Que resta? Todas as crenças...
todas as crenças morreram!
Ficaram sombras immensas,
onde lumes explenderam...

Que resta? A Dúvida horrivel
os sonhos todos crestou-nos...
A Natureza impassivel
só conta invernos e outomnos.

Si, pois, na Gloria inda credes,
ha de enganar-vos a Gloria!
Murcham-se os louros mais verdes
nas folhas éreas da Historia...

Os Poetas do Sentimento,
que pintam a sua idade,
vão morrer do Esquecimento
na profunda soledade.

E neste tempo em que o Homem
se altera e differencia,
breves, os cantos se somem
na indiferença sombria.

Póde a Musica sómente
do Verso nas finas teias
conservar no tom fluente
tenue phantasma de ideias ;

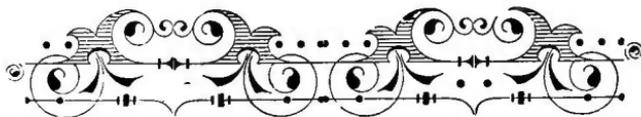
porque é preciso que todos
no vago dessa moldura
sintam os éstos mais doudos
da emoção sincera e pura ;

creiam achar no que apenas
é tom incerto e indeciso
dos seus sorrisos e penas
o aneio exacto e preciso.

Que importa a Idéa, comtanto
que vibre a Fôrma sonora,
si da Harmonia do canto
vaga allusão se evapora ?

—
Poetas,
eu sei que, sorrindo,
zombam de nós os descrentes,
— Deixae ! Ao pé deste infindo
ruir de Illusões ardentes,

nós, entre os cantos sagrados,
que só tu, Poesia ! animas,
passaremos embuçados
em aureos mantos de rimas !



Virgens profanadas

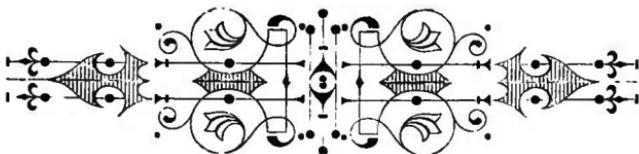
A PAULA NEY

Ds Namboury — estranha tribu indiana —
crêem que a virgem casta, que fenece,
em fôrmas várias novamente desce
á Terra, em busca da paixão insana.

Si, pois, um puro olhar, tórva, escurece
a negra ceifadôra deshumana,
manda a vetusta crença soberana
que alguém noive esse corpo, que arrefece.

Rito medonho! Funeral noivado!
...— Mas em horas de dôr, quando, chagado,
relembra o coração velhos desejos,

qual de nós não roubou á sepultura
uma morta illusão virginea e pura
para — sacrilego! a cobrir de beijos ?



A EMILE ZOLA

MAÎTRE,

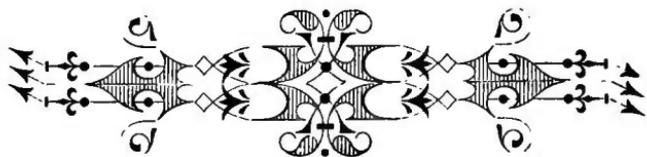
serait-ce donc hallucination ?

— Parfois des yeux de fou sont des yeux de prophète :
l'âme c'est un miroir où l'Avenir projette
quelque étrange et, pourtant, vraie apparition.

J'ai vu ceci :— l'auguste et noble légion
de tous ceux dont la Gloire a ceint la belle tête
passait. Chacun d'un siècle emporté sur le falte,
montrait d'un livre d'or l'astrale inscription.

Subitement la lente et grave théorie,
s'arrêtant sur le seuil de ce siècle en furie
a dit : — « Quel est ton livre, âge au bruit infernal ? »

Ce siècle a répondu : « C'est la sombre épopée
de l'humaine douleur. Prenez. C'est *Germinal* ! »
Le cortège a repris sa marche cadencée...



PRISIONEIROS

A ABEILARD FEIJÓ

I

ELLE fôra lançado ao fosso d'um sombrio castello tenebroso, inhospito, selvagem. Ouvia da setteira o murmurar do rio, que subia do abysmo em húmida bafagem.

Junto d'elle tremia a rugosa velhinha pállida, acorrada a um canto do covil, — sua mãe, seu amor... unico amor que tinha nas fortes pulsações do coração viril.

II

Fôra um dia de guerra. Ao longe nas campinas elle sentia a voz tremenda da peleja. Sentia o desfechar rouco das carabinas no tremendo furor da lucta que esbraveja.

E o mancebo raivava em ancia dolorosa
por não poder também partir para lutar,
mas via de terror a velha mãe chorosa
e seu louco pavor tentava acalentar.

Quando o sol afinal nas sombras do horizonte
desmaiava, tingindo os cumes denegridos,
um rugido fatal soou de monte em monte :
— gritos de vencedor e prantos de vencidos !

Alta noite o mancebo, exausto de cansaço,
que reponsava enfim das rudes commoções,
sentiu purpleando as laminas do espaço
dos incendios cruéis os rúbidos clarões.

No confuso tropel das hostes vencedoras,
entre as turbas servis dos miseros captivos,
ouviu de sua mãe as preces gemedoras,
os soluços de dôr, cortantes, afflictivos...

E quando brutaemente um bebado soldado
fê-lo seguir, dizendo imprecações de horror,
chorou de vêr chorar o olhar amargurado
de sua mãe, prostrada á humilhação e á dôr !

III

Muita vez o mancebo aos ferros da setteira
encostára a cabeça a contemplar o abysmo :
quasi junto da grade a caudalosa esteira
do rio se escutava em forte paroxismo.

N'esse dia fatal a múrmura corrente
augmentara inda mais o téttrico rugir...
e elle, ás aguas lançando o seu olhar ardente,
vira o rio no leito em vagalhões subir.

Subiu... subiu... subiu... E pela estreita fresta
invadiu lentamente a célula obscura.
Na sinistra friêz da escuridão funesta
ouvia-se o rumor da vaga que murmúra.

Nos seus braços virís o moço valoroso
a velhinha sem côr a tiritar ergueu
sentindo recrescer o rio caudaloso
que em liquido cendal os membros lhe envolveu.

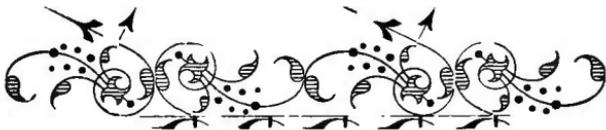
A vaga — do mancebo assoberbava o peito
elevando a rugir o murmurante dôrso,
e o corpo da velhinha em commoção desfeito
elle erguia mais alto em sobr'humano esforço.

Mas essa gigantesca e nobre heroicidade
de um martyrio sem par inutilmente foi :
por um momento... um só—seculo d'anciedade !
poude salva-la ainda o corajoso heróe !

Fóra d'agua um instante os braços estiveram,
convulsos, segurando o corpo emmagrecido.
Ah ! — mas não poude mais ! — as vagas recresceram
e ouviu-se dentro d'agua um téttrico ruido...

IV

Amanhecêra emfim. Vivido, o sol brilhava.
De cantos de prazer ao jubiloso som
toda a velha prisão doidamente vibrava :
— concedêra a amnistia El-Rei clemente e bom!



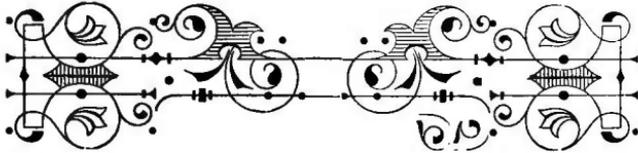
RIRE FUNÈBRE

JE ne sais pas pourquoi j'ai perdu toute joie
et je sombre à jamais dans le profond ennui.
Qui donc au fond de moi vient verser chaque nuit
ce cauchemar auquel je sens mon cœur en proie ?

Il ne peut pas aimer... Car l'Amour veut qu'on croie
et je ne croirai plus, ce traître m'ayant nui.
Il ne peut pas haïr... Dans mon regard n'a lui
j'aurais la Haine en feu, qui ronge ou qui foudroie.

Plein d'amertume et fiel pour ravoïr ma gaieté
je cherche quelquefois l'étrange volupté
d'un plaisir tel que nul ne le saurait décrire.

Peut-être les vers noirs sur mon corps s'abattant
dans l'horreur du tombeau me chatouilleront tant
que je trouverai là l'inextinguible rire...



GRITO DE NAUFRAGO

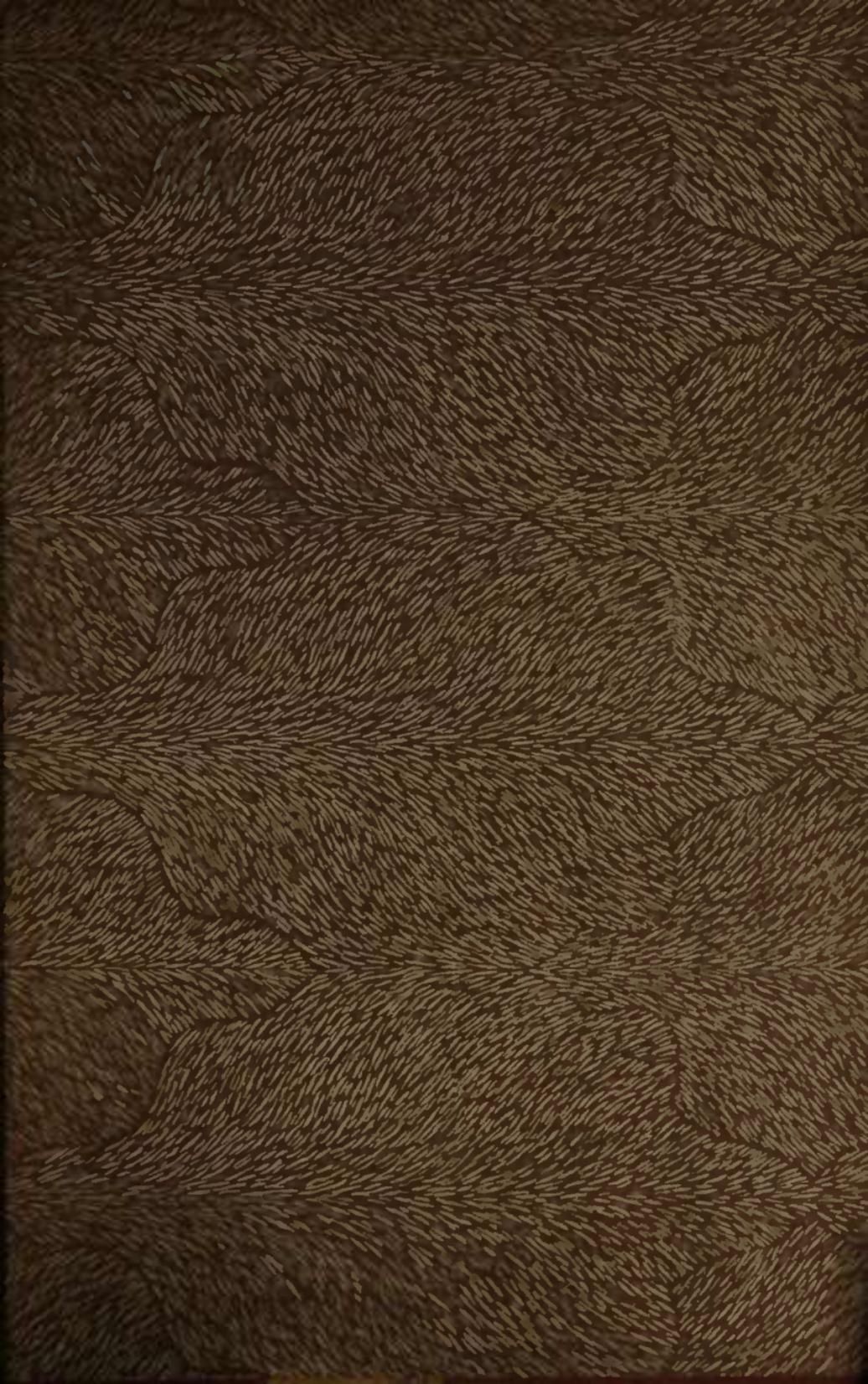
Si um feminino olhar formoso e brando
por estas folhas perpassou, bondoso,
e, aos poucos, doce e triste, foi sondando
d'este meu coração o antro lodoso ;

si viu das máguas o agoureiro bando
abafar os meus canticos de goso
e, em rugidos sinistro ululando,
das Blasphemias o côro doloroso,

— que o saiba desse olhar a chamma casta:
— em minh'alma sem fé, perdida e gasta,
ha logares talvez puros ainda...

— Quereis vê-los brilhando claramente ?
— Dai-me, sublime luz ! a luz ardente
de uma nobre affeição sincera e infinda !







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).